

LUIZ CARAMASCHI

EGOÍSMO SÁBIO

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI
Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP
Fone (14) 3351.1900

ÍNDICE

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

- I – Da Discussão Nasce a Luz
- II – Meditação Sobre o Valor
- III – A Dinâmica dos Valores
- IV – Que São os Valores ?
- V – O Egoísmo Sábio
- VI – Os Valores e a Moral São Absolutos

*“A virtude é o egoísmo munido
de óculos de alcance”*

La Mettrie

I – DA DISCUSSÃO NASCE A LUZ

Já foi dito, alhures, que Árago Pandagis é professor aposentado, residente na cidade de Cananéia, vivendo, ali, na calma que o ambiente lhe proporciona, longe do bulício das grandes

metrópoles. Aproveita ele seu tempo para ler e pensar, e se descansa desses labores, quando se entrega a outros, de outra espécie, que é arrastar as redes com os demais pescadores, andar, com eles, em suas canoas e pescar. Foi dito, também, noutro lugar, que, certo dia, estava o mestre a retecer sua rede sentado no terreiro de um barraco que possui próximo à foz do rio Mandira, quando lhe apareceu Chilon Aquilano que o fez, de novo, voltar ao convívio de rapazes e homens estudiosos, só que, agora, não mais em curso regular, nem obedecendo a currículos escolares. Sua casa de Cananéia, próxima ao mar de Cubatão, passou a ser freqüentada por aqueles ardorosos rapazes que tinham uma pergunta a fazer, não havendo a quem dirigir.

Além dos já citados Chilon Aquilano, Benedito Bruco, Hierão Orsoni, Basílio Desiró, Bernardo Jasão, Alcino Licas, Bento Caturí, Frederico Hening, passaram a pertencer ao grupo Antonio Varrão, Arlindo Helisiano, Virgílio Hurão, Romão Sileno, João Iguano, Maurício Scharba e ainda outros. A sala da biblioteca, onde os estudiosos se reuniam, embora espaçosa, já começava a não permitir mais gente.

Todos estes estavam presentes, quando, tomando a palavra, disse Alcino Licas:

– O senhor, em várias oportunidades, fez referência ao amor como sendo egoísmo dilatado; será que poderia discorrer sobre isso, desenvolvendo esse ponto?

Árago mostrou-se surpreendido com a proposta de Alcino Licas, olhou para os demais, e viu neles sinal de aprovação. Depois de ponderar, em silêncio, certo tempo, respondeu:

– Bom. Eu concordo em estudar com vocês essa matéria; não que eu a saiba pormenorizadamente para ensiná-la, porém, todos juntos podemos discuti-la. A matéria, eu a tenho na cabeça, mas de forma nebulosa, intuitiva, difusa. A discussão é poderoso excitante intelectual; premido por perguntas e apertado por argumentos, a inteligência se torna ágil e as respostas aparecem. Está certo o aforismo que afirma: “da discussão nasce a luz”. A dialética é isso. Sócrates, Platão, Aristóteles, todos tinham discípulos, porque a melhor maneira de aprender é ensinar. E uma vez que nosso assunto é **egoísmo dilatado**, tiremos, já nossa primeira lição: Sócrates, Platão e Aristóteles gostavam de ensinar, tinham discípulos, não tanto porque quisessem ensinar, porém, mais, porque queriam aprender. Sócrates precisava ensinar para aprender, e, para aprender, ensinava. Quando ele abordava uma questão, não sabia nada, e o declarava; no fim, ele saía sabendo tudo o que lhe permitia a discussão. Platão, nos seus “Diálogos”, nos mostra um Sócrates falso que diz não saber mas sabe; porém, o Sócrates da vida real, esse saía às ruas de Atenas para estudar... discutindo... Se vocês quiserem, com este ânimo socrático de não saber nada de antemão, podemos abordar o assunto do egoísmo dilatado.

A estas palavras de Árago, Alcino Licas consultou a pequena assembléia com os olhos; e obtendo o sim de todos, falou por eles:

– Está aceita a condição. Ninguém sabe nada, e todos vamos estudar e discutir juntos. Mas o senhor, sendo o mais idoso, experiente e culto, vai-nos dizer como principiar os primeiros passos nesta estrada.

– Está bem. Começemos por saber o que é o egoísmo; que é ele, Licas ?

– É um sentimento. É o sentimento de posse sobre alguma coisa.

– E as ações, a conduta, os hábitos, os atos também não são desejados, e queridos, e possuídos?

– Claro que são, se forem bons, e, rechaçados, se maus.

– E como é que vou saber se uma ação é boa, se um ato é nobre, se uma conduta é moralmente sadia, para o desejar e querer? Você acha que o asseio, a limpeza são bons ?

– Acho, é claro!

– No entanto, como nô-lo declara Bertrand Russell, os havidos por santos, na Idade Média “encaravam a limpeza com aversão”. Os piolhos eram chamados “pérolas de Deus”, constituindo um sinal de santidade¹. Tendo **santo** a mesma raiz etimológica que **sábio**, e sábio era o que provava ou degustava os alimentos para **saber** quais eram os **sádios** para a tribo, então, **santo**, **sábio**, **saber**, **sabor**, **saborear**, **saúde**, **sadio**, etc., provêm de uma mesma raiz. Por causa disto, como a sujeira física era um **senal de santidade**, o oposto disto, **o asseio corporal era pecaminoso** em toda a Europa cristã medieval. No Brasil colonial também não se tomava banho, sobretudo, os nobres a não ser às escondidas, e isto, sob o pretexto de que “os nobres não se sujam”. Daí o ter eu ouvido dizer,

¹ Bertrand Russell, Obras Filosóficas, II, 81

numa aula de história, que D. João VI, estando doente, o médico lhe receitou: *tomar banho!* Ora! como já dizia Vieira, “quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos”². À vista disso, prezado Licas, para quisermos possuir uma coisa, ou praticar um ato, ou formar nossa conduta, precisamos saber o que é bom e o que o não é. E como é que um medieval iria saber se o asseio é bom ou não? Os piolhos humanos, quem o diria?, foram considerados “pérolas de Deus”!...

Alcino Licas ficou meio banzado com o encaminhamento da discussão. Pôs-se a meditar e tentou outra saída:

– Quando eu defini o egoísmo, dei-o como sendo o sentimento de posse sobre seres, coisas, hábitos, condutas, tudo o que podemos desenvolver, adquirir e possuir como nossos, se são bons. O desejarem os medievais cristãos a sujeira do corpo como bem, por ser isso penitência, por consistir isso desprezo da carne, do mundo, nos leva à compreensão de que tudo aquilo estava errado. Outrora amou-se a sujeira; ama-se, agora, o asseio. O caso é, então, de estudarmos o que são limpeza, asseio, sujeira, bem, mal, beleza, fealdade, e os outros valores como estes. Temos que estudar os valores; tudo são valores.

– Como vêem – tornou Árago – nós queremos as coisas pelo que elas valem. O egoísmo, conforme a definição aí do Licas, é o desejo de ter, de possuir seres, coisas, de praticar atos, ações, etc. Mas tudo isto, levando-se em conta o valor destas coisas. Jamais vai alguém desejar possuir aquilo que reputa sem nenhum valor; o que não vale nada não excita o desejo de posse de ninguém. Quando se cuidava, a começar pelos gregos, que o mundo era *não-ser*, e, por isso, mau, como o corpo é parte do mundo, o corpo era mau. Martirizar o corpo, portanto, com cilícios, com desconfortos e repetidos e prolongados jejuns era bom. Separava-se, então, a alma do corpo, para conferir valor a tudo o que pertencesse à alma. Hoje que sabemos ser impossível alma sem corpo, concluímos ser este tão importante como aquela. Não há a tal primazia do espírito sobre a matéria porque ambos se completam, como tese e antítese, na unidade do ser. Esta concepção veio redimir o corpo e, ipso facto, o mundo pelo qual temos de lutar, melhorando-o. Quando, com os gregos, se acreditou que a razão era tudo, pois até Deus se ocupava só de pensar sobre o pensar, todo trabalho manual era considerado vil. Daí o desprezo pelos artistas e artesãos, ainda que se chamassem Fídias e Apeles. Toda a Europa medieval desprezava trabalhos manuais, pois as letras e a filosofia eram tudo para todos em matéria de valor. Foi preciso vir a Renascença para quebrar os grilhões e libertar o pensamento fundando-o na experiência. Todo mundo já teve a experiência de que uma gota d’água produz o efeito de lente de aumento. Porém, os gregos não quiseram pensar sobre isso, porque, sendo empirismo puro, ipso facto, não se tratava de uma dedução racional. O resultado foi que as descobertas científicas, no caso, o microscópio e o telescópio, só foram possíveis na Renascença.

Neste ponto interveio Antonio Varrão concluindo:

– Quer dizer, então, que os valores não se acham só nas coisas, mas nas nossas condutas morais, nas nossas formas intelectuais de pensar, nas nossas atitudes, nas nossas maneiras de estar frente à vida, frente ao mundo; o valor está na nossa cultura, está em nós mesmos. Nós nos tornamos mais ou menos valiosos, conforme nos acercamos e nos saturamos dos valores de uma dada época. Ser artista plástico na antiga Grécia era ser vilão. Felipe repreendeu Alexandre, o depois chamado Magno, seu filho, por haver ele cantado com desembaraço e arte, acompanhando os demais cantores. Aristóteles diz que nenhum moço bem nascido gostaria de ser um Fídias ou um Apeles. Em contrapartida, no Brasil colonial ser doutor, médico ou advogado, era o supra-sumo, era quase como portar um título de nobreza. Esse título está hoje desgastado pelo uso indevido que se faz dele.

– Indevido como? – atalhou Desiró.

– Indevido – continuou Antonio Varrão – pelo seguinte: todos sabemos que para ser doutor, o formado precisa, primeiro, fazer, expor e defender uma tese de pós graduação, e, depois, uma outra, de doutoramento. Pois o recém-saído da escola, sem mais aquela, põe uma placa na parede do seu local de trabalho, onde se lê: Dr. Fulano de Tal. Por causa disto, certo professor de escola universitária aqui destas bandas, tendo sido chamado de doutor, replicou: “Meu amigo: doutor, por tradição é pinico, e, por esnobação, dentista”.

Depois que terminaram os comentários e os risos que a nota chistosa produziu, retomando a palavra, prosseguiu Varrão:

² Vieira, Sermões, 3, 378 - Ed. das Américas

– Como todos estamos vendo, o título de *doutor* começa a piorar-se, como outrora ocorreu com o vocábulo *sofista* que, entretanto, quer dizer *sábio*.

E concluiu Antonio Varrão, voltando-se para Árago:

– Assim, uma coisa tão valiosa num tempo, cessa de o ser em outro. Exatamente por ser valioso, a mediocridade o alcança, o arrasta para baixo e o banaliza. Assim o foi com o título de nobreza, assim o está sendo com o título de *doutor*.

E prosseguindo, ainda, Antonio Varrão com a palavra disse:

– Eu gostaria de fazer pequeno resumo do já dito, para concluir e formular minha pergunta. O egoísmo consiste num sentimento de posse não somente sobre seres e coisas, mas também sobre aptidões, qualidades que tentamos desenvolver em nós mesmos. Não queremos as coisas em si, mas elas pelos seus valores; seres e objetos podem deteriorar-se, perdendo o valor, e, aí, nós os não queremos mais. Portanto, o que só queremos são os valores, os nossos próprios, e os alheios os quais podem estar na inteligência, na conduta moral, na cultura, no caráter, em nossa maneira de estar frente à vida, frente ao mundo. Nós nos tornamos mais ou menos valiosos, conforme nos acercamos e nos saturamos dos valores de nossa época, segundo já se disse aqui.

E após meditar um pouco, prosseguiu Antonio Varrão:

– Aí nós temos dois caminhos, ambos verdadeiros, ambos certos, dependendo de onde se quer chegar. O primeiro caminho diz: “nós nos tornamos mais ou menos valiosos, conforme nos acercamos e nos saturamos dos valores de dada época”. Este é o caminho da mediocridade que não luta contra o meio, caminho do tradicionalismo. Mas, se todos fossem assim, como haveria mudanças? Quem as promoveria? O tal que segue esta regra não será uma inércia à toda renovação? Acaso não é contra essa muralha do conservadorismo que se despedaça o inovador? E há mais isto: dado que há épocas, em que os valores mudam, então eles são relativos. Mas sê-lo-ão, também os valores morais? Um ato ou gesto sublime de bondade, de perdão, acaso está sujeito às contingências da história, à relatividade do tempo, do espaço e da cultura ?

Depois desta saraivada de argumentos e de perguntas de Antonio Varrão, Árago, esfregando as mãos de contente, disse, sorrindo:

– Nossa escola vai indo muito bem. Para estar de acordo com o mundo, é preciso seguir os valores estabelecidos para a época; para fazer o mundo andar, necessário se faz *descobrir valores novos*, ou novas concepções de valores. Eu disse *descobrir* e não inventar, porque os valores se descobrem e não se inventam; e assim como progride a ciência com as descobertas das verdades científicas, igualmente progride a axiologia com as descobertas dos valores. Os valores, portanto, não são relativos, embora seja relativa a sua tomada de posse, a sua conquista na história. Uma filosofia determina seus valores; mas, acaso essa filosofia corresponde à Verdade? Vimos já como o *realismo* medieval, importado dos gregos, em desprezando o mundo, desprezava, igualmente, o corpo. Mantê-lo em desconforto era esforço de santificação. Daí os piolhos serem considerados como “pérolas de Deus”, pelo que a sujeira corporal passou a ser valor positivo. Os valores pautados pela doutrina de Nietzsche... que é a da *vontade de poder*, põem a força no pináculo como virtude suprema. E quem disse estar certo Nietzsche? Esta doutrina da força encontra sua antítese, sua oposição na de Cristo cuja virtude máxima é a bondade, o perdão até para com os inimigos. Para Platão e Sócrates nenhuma virtude é maior que a sabedoria, e é impossível quaisquer virtudes reais sem ela. Se fôramos tomar a natureza biológica por mestra da vida, não só haveríamos de considerar a força como virtude suprema, senão, também, a astúcia. O homem subiu a rei da criação, não tanto por ser forte, senão, e sobretudo, por ser astucioso e inteligente. Os valores, como estamos vendo, estão associados às doutrinas, havendo relatividade na abordagem da verdade e dos valores, porém, não que a verdade e os valores, em si mesmos, sejam relativos. Assim sendo, temos todos de convir que há de haver uma Verdade no universo que nós buscamos por todos modos. Não somos ainda senhores dessa Verdade; pois bem: o Valor que corresponde a essa Verdade, esse será historicamente absoluto, e nesse paramos, e desse não sairemos jamais. Assim o entendo. Todavia, antes de prosseguir, vamos procurar saber o que vem a ser o próprio valor.

II - MEDITAÇÃO SOBRE O VALOR

No outro dia de reunião, no sábado seguinte, Árago esperava já os demais estudiosos em sua biblioteca. As janelas estavam abertas para refrescar, e a iluminação elétrica era farta. Dona Cornélia fazia sempre muito gosto nessas reuniões, e, de sua parte, nunca faltava com o café, e, às vezes, com quitutes e guloseimas.

Ao irem chegando, todos se cumprimentavam sorridentes e loquazes, até que chegou o momento do estudo sério. Tomando a palavra, principiou Árago:

– Nós vamos estudar os valores, e eles aparecem com o nome de axiologia. Deste modo, axiologia é o estudo dos valores. A axiologia é estudo que se faz na ontologia, e, não, na metafísica. A metafísica, como vocês sabem, trata do ser em geral; a ontologia que se define como “*teoria do ser*”, estuda o ser em particular. Por isto, dever-se-ia chamar “*teoria do ente*”, em vez de “*teoria do ser*”. Como os valores só podem ser achados nas coisas individuais, em particular, então axiologia é parte da ontologia. Outra coisa: nós vamos jogar com mais dois termos que são: ôntico e ontológico; qual a diferença entre esses dois adjetivos? O termo *ontológico* é usado quando nos referimos a dada coisa em relação a uma teoria; *ôntico*, quando faz referência à coisa em si mesma, em sua relação

existencial, objetiva. Quando é uma teoria que se refere à coisa, ao ser, então, *ontológico*. Quando nos referimos à coisa em primeira mão, sem “logias” ou estudo algum, então, *ôntico*.

E pondo-se a ponderar, por curto tempo, em silêncio, prosseguiu com um gesto, como o de quem achara o caminho por onde seguir, dizendo:

– Vamos repetir o estudo que fizemos aqui, já faz bastante tempo. Vamos, em imaginação andar pela praia, ver o mundo, deliciar-nos com as paisagens. Estamos no mundo, tendo à mão uma infinidade de coisas, de objetos, de animais, de árvores, barcos, canoas, etc. Com essas coisas organizamos nossa vida: usamos delas e dos barcos para a pesca, estendemos nossas redes no mar, colhemos frutos, saboreamos a água dos cocos, que mais fazemos? Atuando em nosso contorno, modificamos tudo o que se acha em nosso redor. E um ato que praticamos relativamente a todas essas coisas é *pensá-las*. Então perguntamos: o que é o mar, o vento? O ar tem peso? Que são as ondas?

– Mas, vejamos bem – prosseguiu o mestre – nossa atitude inicial não foi a de pensar; de começo, agimos como crianças que exploram o seu mundo sem pensar nem perguntar. O pensamento se nos impõe face à necessidade de se saber o que são as coisas, e apareceu com a pergunta: *o que é isto?* O mundo primário, portanto, não é o problemático; é-o, este, sim o secundário e derivado, e data de quando o homem se tornou num decifrador de enigmas. Nós temos que lidar com as coisas, e elas oferecem-nos resistências, obrigando-nos a saber o que elas são. Nesse esforço por conhecer em procurar saber o que as coisas são, ocorre-nos perguntar: o que as causam? O que causa esta onda? Estas conchas são causadas pelo que? Reparamos que cada coisa é causada, e que causa é um *quê antecedente* o qual, tendo-se transformado na coisa presente que temos sob os olhos, transformar-se-á num *quê conseqüente*. Assim qualquer coisa tem causa, antecede, no tempo, a forma que aí está como presente. Estando no tempo, com um antes e com a certeza de um depois, possuí, portanto, a propriedade ôntica de um *ser presente* o qual, no passado foi e no futuro será outra coisa. O ser tanto mais se mostrará pleno, quanto mais longo, largo for o seu presente. Assim há entes cujas existências se medem por milésimos de segundo, como certas partículas sub-atômicas, e há entes como o universo. Daqui o dizer-se de Deus que é um presente que se eterniza.

– Afora que as coisas são causais e temporais – continuou Árago – havemos de convir, também, que elas ocupam lugar no espaço, são espaciais. Sendo espaço e tempo dimensões contíguas, hoje sabemos pela física, não existe temporal que ipso facto não seja também espacial e vice-versa. Causa, tempo e espaço, eis as categorias ônticas de qualquer coisa sobre a qual venhamos a pôr as mãos ou os olhos. Já essas mesmas coisas possuem outras categorias ônticas que vamos separar só para fins de estudo.

E após meditar um pouco, prosseguiu o mestre:

– Tornemos à praia, em imaginação. Lá deparamos com um caracol; procuramos desenhar sua carapaça, e verificamos tratar-se duma espiral. Uma palmeira cortada em plano horizontal dá-nos cilindros cujos topos são círculos. Se o corte for oblíquo, obteremos elipses. Tudo isso saído do tronco da palmeira que derrubamos lá fora, no mundo. Como na vez anterior, começamos a perguntar: o cilindro tem causa? Alguma coisa anterior, se mudou em círculo, e este há de tornar-se noutra figura? Seria o círculo como a castanha, e assim como esta produz a castanheira, o círculo produziria a “circularia”? Assim como o círculo, a elipse, o triângulo e as demais figuras geométricas não têm causa. Quando olhamos para o céu estrelado, cada grupo de três estrelas imaginamo-los ligados por linhas e isso nos dá infíndos triângulos. O que causa os triângulos? Nada os causa; nada causa os objetos geométricos; eles conservam entre si uma relação lógica como a da premissa e conseqüências, porém, não, relação causal. Como tais *objetos*, que vamos chamar *ideais*, não têm relação causal, ipso facto, não estão no tempo. Não houve um tempo em que o triângulo não era, e depois ele passou a ser. Ele é intemporal. Também, tais objetos ideais não ocupam lugar no espaço; eles são, abstratamente, em nossa inteligência, e não fora dela.

Neste ponto do desenvolvimento de Árago, interveio Maurício Scharba argumentando:

– O senhor diz que os objetos ideais estão só na nossa inteligência, e se contradiz mostrando ser possível as figuras geométricas na natureza exterior; como é isso?

– Este assunto, meu caro Scharba, já foi estudado noutras oportunidades, talvez, com você ausente. Mas trata-se do seguinte: quando eu digo: *triângulo*, refiro-me ao triângulo em geral do qual você não pode traçar o desenho; trata-se da triangularidade, da essência do triângulo. Esse é

um *objeto ideal* ou puro *ente de razão*. Agora, quando eu digo: triângulo equilátero, já individuei o triângulo cuja forma pode ser desenhada com giz, numa lousa, ou com lápis, num papel. Dessa espécie de triângulo individuado você pode encontrar desenhado nas cores dos pássaros, dos insetos, dos répteis, afora que, quaisquer três pontos podem ser imaginados como que unidos por linhas. A mesma coisa com a essência ou conceito de cavalo que não pode ser representado por figura. Já o cavalo individual se desenha, não só na nossa imaginação como matéria psíquica, como pode, de aí, ser transladado para o papel ou para a tela se formos desenhista ou pintor. A forma é a que acompanha a matéria lá na natureza, e pode ser representada. A essência é a generalização das formas numa única expressão, e esta não se pode representar por figura. Se estiver claro o assunto, para você, prezado Scharba, podemos prosseguir.

– Como vocês estão vendo – continuou o mestre – no mundo há *coisas*, no mundo há *formas das coisas* das quais generalizamos os *objetos ideais* utilizados em nossa linguagem. Haveria, no mundo, ainda, algo mais que estudar? Os turistas apinham-se em nossas praias, ficam à caça de um nascer ou pôr de Sol, fixam tudo em suas películas fotográficas dizendo-nos tratar-se de “momentos de beleza”. Fotografam a praia, árvores, grupos coloridos de pessoas, de moçoilas lindas, de pescadores no duro afã de arrastar suas redes. As vezes, uma simples canoa abandonada na praia é motivo fotográfico ou para alguma tela, advindo, daí, um quadro belo. Então, nós nos perguntamos: o que é a beleza? Acaso a beleza é uma coisa que podemos pegar na mão? Que me diz disso Varrão?

Antonio Varrão, pego desprevenido, tossiu, agitou-se na cadeira, e depois respondeu:

– Não. A beleza não é uma coisa.

– Se não é uma coisa, então, é um objeto ideal? Que diz a isso Licas?

– Digo que a beleza não é causal, porque, toda causa tem um efeito que é causa de outro efeito. Pela mesma razão de não ser causal, não está no tempo nem no espaço. A beleza está nas coisas, e não fora delas como abstração. Não sendo abstrata, não é como os objetos ideais.

– Então, meus amigos, se a beleza não é coisa e não é objeto ideal, ela só pode ser uma *qualidade das coisas*. Então a beleza, em si mesma, *não é* mas *vale*, isto é, as coisas tem ser ou essência, no passo que a beleza não tem essência ou ser, mas valência. E assim com todos os demais valores que não são mas estão... como qualidades nas coisas. Quando dizemos que a rosa é bela, não há maneira de separar a beleza da rosa; todavia o fato de ser a rosa bela ou feia, isso não acrescenta nem diminui ser à rosa. Assim, a beleza é uma qualidade encontrada na rosa, na árvore, na paisagem. Como a beleza não pode ser classificada nem como coisa, nem como objeto ideal, então ela é *qualidade das coisas*, visto que, para os objetos ideais, não é possível predicar qualidades. Essas qualidades das coisas, dos entes reais, das ações deles sobre o meio, são chamados valores e são estudados no capítulo da ontologia com o nome de axiologia. Axiologia, caro Varrão, é parte da *ontologia* que não da *metafísica*, por que?

– Porque – respondeu Varrão – a metafísica trata dos seres em geral, dos objetos ideais, e, aí não entram os valores como qualidades. A ontologia, como *teoria do ente*, estuda os seres de uma maneira particular, ôntica, e aí cuida mais proximamente das coisas em situação. Neste caso, tomadas individualmente, as coisas possuem qualidades de valor além das categorias ontológicas de causalidade, temporalidade e espacialidade, entre outras.

– Está bem – tornou o mestre. – O valor é o que poderíamos chamar de “estado em que se apresenta uma coisa”. Tomemos a rosa vermelha, viçosa, cheia de vida, exuberante de beleza. Depois de não muito tempo, ei-la murcha, descolorida, feia, desfigurada. Esses estados de conservação todos são valores. Daí o dizermos que os valores são mutáveis percorrendo uma como escala de graus. Há mais e menos belo, e há mais e menos feio. Portanto, por motivo dessa graduação, os valores são polarizáveis.

– Quer dizer, neste caso – concluiu Scharba – que podemos traçar uma linha dos valores, semelhante a abscissa cartesiana dos valores algébricos, considerando positivo, de zero para a direita 1, 2, 3, etc., e, negativos, do mesmo zero para a esquerda -1, -2, -3, etc.? Os valores da direita: beleza, saúde, heroísmo, riqueza, liberdade, correspondem aos respectivos contra-valores: fealdade, doença, covardia, escravidão, postos ao longo da linha à esquerda de zero?

– Acertou! – disse Arago. – Daí que todo valor tem o seu contrário, donde vem que os valores são polarizáveis. Todavia, esta polaridade dos valores difere da dos *objetos reais* ou *coisas* já estudados em nossos serões. Um átomo tem o seu contrário com o qual se combina formando uma

molécula. Núcleo atômico e calota de elétrons formam o átomo. Vejamos agora: o heroísmo não se junta à covardia de nenhum modo para produzir coisa alguma. Logo, trata-se de polaridade diferente. As coisas mudam no que se refere ao valor, podendo ir do mais para o menos e vice-versa. A rosa era toda beleza, ocupando grau positivo, e, no entanto, em morrendo, murchou-se, tornou-se feia, secou-se. O pecador, estando do lado esquerdo da escala dos valores, poderá cair em si, arrependendo-se, emendar-se, passando para a direita de zero, tornando-se até num santo.

– Afora que os valores são polarizados – prosseguiu o mestre – possuem eles hierarquia. Podemos, neste caso, organizar uma relação ou lista desses valores. Esta hierarquia, como se vê, é arbitrária, dependendo ela da cultura. Como já vimos, se a doutrina que pauta os valores for a de Nietzsche, a relação ou lista deles será diferente da relação elaborada por um seguidor de Cristo. Porém, como já dissemos, tem que haver uma Verdade no universo; a relação que corresponde a essa Verdade, essa não será arbitrária. E é indo no encaixe dessa relação e na busca dessa Verdade, que o nosso egoísmo se expande ou se dilata. Como já foi citado de Vieira neste estudo: “Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos”³. Ora, se alguém mostrar ao tal o verdadeiro diamante, nesse ponto ele jogará fora os seus vidros, e sua esperança de posse se expande, se dilata para uma conquista muito mais difícil. Outro não é o negócio proposto por Cristo ao moço rico: “Vai, vende tudo o que tens, e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; e vem, e segue-me”⁴. Contudo, o mancebo preferiu os vidros fáceis da riqueza, do que o diamante raro e dificultoso da virtude. Preferiu, porque a riqueza tinha o beneplácito, o aprazimento do mundo, no passo que a virtude do desprendimento não tinha senão o sarcasmo e a zombaria. Sobre ser difícil doar os bens, ainda era preciso arrostar com a sociedade, sofrendo-lhe a coerção social, visto que os homens não dão nada a ninguém, e, por isso, não entendem quem o faça. Por tudo isto o mancebo rico afastou-se de cabeça baixa, tomado de muita tristeza.

– Vamos seguir agora – continuou o mestre – a relação já existente no livro de Garcia Morentes “Fundamentos de Filosofia – Lições Preliminares”. A relação hierárquica começa com os **valores úteis**, assim: **úteis**, **vitais**, **lógicos** ou **intelectuais**, **estéticos**, **éticos** e **religiosos**. Os **valores úteis** dizem respeito a tudo o que é adequado ou inadequado ao nosso conforto, ao nosso bem estar, como bens, riqueza, etc. Quem quiser ver a extensão dessa área de valores, olhe para a economia política. Vem, a seguir, os **valores vitais** que se referem ao forte ou fraco, ao sadio ou enfermo, à saúde, ao esporte, jogos e a tudo o que se refere à vestimenta, à moda, etc. Vem, na relação os **valores intelectuais**, começando por verdade, falsidade e mais tudo o que nos dá a cultura desde a filosofia ao leque de ciências nascidas dela, com seus laboratórios, campos universitários de pesquisa pura, todo esse mundo formidável, fantástico, frenético, palpitante que jamais pára. Tem lugar, a seguir, os **valores estéticos**, o mundo da beleza, da poesia, da arte, do sublime e também do feio, do ridículo, do grotesco; nesse espaço da estesia se movimentam todos os artistas, sendo esse o mundo da arte a interpenetrar os outros demais mundos, porque tudo o que se faz, pode-se fazer com arte, com beleza, com perfeição estética. Avançando mais na série hierárquica, deparamos com os valores capazes de pôr normas ao demais, que são os **valores éticos**. Sem estes, os outros acabam por se desvirtuarem. Aí está a consciência do justo e do injusto, do que seja a misericórdia e o pecado. Todo o conjunto de leis e regulamentos pertence a esse nível hierárquico. Quem medita sobre a misericórdia e a desapietada, está ajuizando sobre **valores éticos**. Finalmente, vêm os **valores supremos** que são os **religiosos...** capazes de produzir o santo. Aí estão santo e profano referentes à divindade que é o máximo para onde o homem deve encaminhar-se. Sem esta instância suprema de recorrência, sem este valor religioso (não importa que a religião seja pessoal ou social), sem esta base de sustentação, não se formam os **valores éticos** ou **morais**, e sem estes, os outros se desvirtuam.

– Pelo que vocês estão vendo – continuou o mestre – estes valores estão em nossa vida, e nós os aceitamos, não, assim, separados, como fizemos para fins de estudo, mas tudo se nos mostra entrosado. No modo de um homem agir no campo dos valores úteis, por exemplo, nesse momento ele pensa com sua inteligência (valor intelectual) e decide com sua vontade (valor moral), controla para que o negócio seja honesto, não fraudulento (valor ético). Uma obra de arte, tela, livro, escultura, música, etc., para ser boa há que observar as regras da ética. Não basta invocar a liberdade

³ Vieira, Sermões, 3, 378 – Ed. das Américas

⁴ Mateus 19, 21

para fazer o que se quiser, porque, neste caso, a liberdade passa para a esquerda de zero, tornando-se num contra-valor que se chama libertinagem, ou seja, escravidão do sexo. E não vale o argumento de que a música ou livro foram bem aceitos pelo populacho, e o disco, bem vendido: a chulice pornográfica que deleita a sub-humanidade do homem e das multidões, é sempre um contra-valor. Assim, a idéia de Deus e da sobrevivência do espírito após a morte física geram valores religiosos ou crenças que fundamentam todos os demais valores, indo até no campo da ação. Daí o poder dizer-se: dize-me como ages em tua conduta diária, e dir-te-ei qual é a tua crença, ou qual é o verdadeiro Deus em que crês.

– Estes valores todos – continuou Árago – tornemos a repetir, nunca estão sozinhos; eles aparecem associados e não há quem faça uma coisa que pertença a uma única classe de valores. E como temos analisado bastante os valores, penso podermos mostrá-lo em sua dinâmica social.

III – A DINÂMICA DOS VALORES

Passado uma semana, Árago achava-se em sua biblioteca ocupado com a leitura de um livro, quando começaram a chegar os estudiosos. Fechou o mestre o livro, e ficou proseando sobre assuntos diversos com os que vinham chegando. Quando todos estiveram reunidos, Árago deu início ao estudo da noite, dizendo:

– O homem, diz Ortega, para agir, precisa de convicções, e a estas chamamos crença. Ainda mesmo o céptico possui uma determinada crença e é a de que não se pode crer realmente em nada. Como se vê, as crenças são as idéias que sustentamos ou mantemos, donde vem que se trata de *idéias que somos*, ou, no dizer de Ortega, “nós somos as nossas idéias”. Os pensamentos chamados *idéias*, são objeto de nossa discussão, do nosso discurso; os pensamentos chamados *crença*, são a nossa *intuição* indemonstrável que supomos: a estes não os pensamos, mas, os damos por supostos. Isto é o que se chama estarmos numa crença. As dúvidas pertencem ao mesmo extrato das crenças, e uma e outra constitui a nossa realidade, o que significa que *estar em dúvida* é do mesmo extrato que *estar em crença*. Há, contudo, uma diferença entre os dois modos de estar: ocorre que as crenças são estáveis, no passo que as dúvidas são transitórias. A situação de dúvida não pode ser tolerada, porque ela inibe a ação, ou impede de se saber como agir. Por isso, quem está em dúvida tem que entrar em pensamentos, em lucubração, a fim de formar nova crença. Deste modo, a função de idear é o único modo de nos mantermos flutuando no que Ortega chama “o mar de dúvidas” que nos cerca por todos os lados.

– Assim sendo – prosseguiu o mestre – todo comportamento nosso decorre de um conjunto de conceitos que nós temos por verdadeiro. Esse conjunto de conceitos, podemos chamá-lo de a nossa verdade, de nossa mentalidade, de nossa crença. Portanto, a mentalidade ou crença não é mais do que o conjunto de conceitos, tidos por nós por verdadeiro. Como vocês estão vendo, esse conjunto de conceitos forma uma unidade, e a alteração de qualquer deles implica na alteração dos outros, dado que todos se inter-relacionam. A não ser para um esquizóide, não é possível mudar um conceito importante, sem que os demais tenham de ajustar-se à mudança. Assim a nossa crença é uma unidade dentro da qual não se permite nada que seja contrário a ela. A aceitação do que quer

que seja diferente, exige uma imediata reformulação. Deste modo, se passarmos a acreditar em algo em que não criamos antes, nesse ponto, a nossa unidade, a nossa mentalidade, a nossa crença tem que ser alterada, e todos os conceitos precisam passar por uma reformulação.

– Todavia – continuou Árago – cumpre notar que os conceitos e intuições que formam a nossa crença ou mentalidade, não são vazios; eles estão cheios de emotividade. Deste modo, o conteúdo emocional hierarquiza os conceitos organizando-os em valores. Então, a mesma mentalidade vista de uma outra maneira, mostra-nos que os conceitos são de portes diferentes quanto ao valor, havendo os mais importantes e os menos importantes. Esses portes diferentes decorrem do maior ou menor conteúdo emotivo, e é esse conteúdo emotivo que determina o valor. Assim uns conceitos valem mais do que outros, porque não são todos da mesma importância, e ser importante aqui é valer. Então aquela mentalidade, já com os conceitos hierarquizados, forma o que se chama **moralidade**, sendo a moral a sensibilidade. A moral, então, o que é? É a própria crença sentida, ou vivida, ou seja, já com os conceitos hierarquizados.

– Ora bem – prosseguiu o mestre: – esses conceitos hierarquizados produzem em nós, regras de comportamento, regras de como nos conduzir frente às circunstâncias que nos apresenta a vida. Essas regras morais, esse código subentendido que nós temos, pode chamar-se **ética**. De modo que ética, moral e crença (intuição) tudo é a mesma coisa, a diferença não indo além de uma questão de propriedade dos vocábulos. Tudo não passa de aspectos de uma mesma coisa, de maneiras de ver uma mesma coisa que variamos para fins de estudo, de trabalho. Essas regras de comportamento ditam a nossa conduta. Então, o que é a nossa conduta? É a nossa mentalidade apresentada sob a forma de ação ou reação. A ação é aquela atitude que nós temos diante das circunstâncias, a todo instante. A vida nos obriga a tomar atitudes, e estas estão em relação com aquela crença que nós temos, com aquela mentalidade da qual decorrem os conceitos carregados de emotividade axiológica (valores) e não psicológica (sentimento).

– No entanto – continuou o mestre – nós também observamos as ações alheias, ou daqueles que estão ao nosso lado os quais também tomam atitudes frente as quais nós reagimos ou aplaudindo ou censurando. Essa censura ou repúdio, e, também aplauso, nós chamamos reação. A ação, portanto, é aquela parte ativa do nosso comportamento, no passo que a reação nossa responde a uma atitude vinda de outrem.

– Como estamos vendo – prosseguiu Árago – nós somos partícipes de uma sociedade que poderia ser esquematizada da mesma forma que o esquema individual. Assim, todos os conceitos da mentalidade de cada indivíduo são jogados para o social ou coletivo; este coletivo estuda, refunde e devolve os conceitos para o indivíduo. Há, então, um trânsito de conceitos, de informação, de verdade do social para o individual e vice-versa. Quando a maioria que compõe o social tem por verdade um determinado grupo de conceitos, cria-se uma unidade dentro daquela sociedade que é o mental ou crença dela. Esta crença social, tal como nos indivíduos, também é hierarquizada não só de acordo com o conteúdo emotivo de cada indivíduo em separado, como também de acordo com a emotividade do social. Deste modo, o grupo ou sociedade em geral também aplaude ou repudia determinadas ações. Pelo que estamos vendo, essa crença social, dado que é hierarquizada, possui a sua moral (sensibilidade emotiva), pelo que recebe um fluxo dos indivíduos, no mesmo tempo que reflui para eles, tudo isto vindo a constituir uma só coisa que se nos mostra como um globo unitário.

– A moral, portanto – prosseguiu o mestre, está presente na sociedade em forma de regras de comportamento social, parelha à moral dos indivíduos. A moral são aquelas regras que a sociedade tem, mas ainda não codificadas, não ainda mostradas sob a forma de legislação específica em que um grupo de pessoas sentam-se e decidem: é assim. No entanto, muitas vezes a sociedade faz isso; e quando o faz, ela cria um código ético e de direito positivo, ou direito real, que vem daqueles que podem fazer de fato. Este direito corresponde ao extrato mental da sociedade. Esse extrato mental da sociedade nada mais é do que aquilo que, nos indivíduos, se chama caráter. Então, o caráter da sociedade é o comportamento ou aquilo que se reflete no comportamento. Este comportamento manifesta-se sob a forma de código ético e código de leis, ou código de direito real, ou positivo. Esse direito manifesta-se através do governo ou ação governamental. Mas o coletivo também reage diante dos indivíduos e pequenas sociedades ou grupos sociais, e essa reação se chama justiça.

Todos ficaram silentes a ouvir, sem que houvesse diálogo. Depois de uma pausa, concluiu Árago:

– Bom. Essa é a matéria que eu desejava abordar, não pretendendo avançar mais por hoje. Todavia, para que o assunto se fixe, é preciso, de agora em diante, que todos façam seus comentários. E a matéria passou a ser discutida e analisada por todos os presentes.

IV - QUE SÃO OS VALORES ?

Durante a semana, Árago ocupou-se com suas leituras, descansando delas ao aplicar-se ao duro labor de arrastar as redes com os demais pescadores. O “freezer” de sua casa estava sempre repleto de provisões, grande parte proveniente do mar. Dona Cornélia não tinha problema quanto ao que fazer para o almoço ou para o jantar.

O sábado chegara nebuloso, de céu coberto de nuvens, mas não chuvoso. Na hora do costume, os estudiosos foram aparecendo para as tertúlias costumeiras, sendo recebidos por Árago que, sorridente, trocava com cada um deles, sem que lhe faltassem, temas chistosos. Quando todos estiveram reunidos, Árago principiou a falar:

– Hoje iremos saber o que são os valores...

– Se só agora é que vamos definir o valor – atalhou Scharba – andamos mal até aqui, porque a definição sempre deve vir no começo. Ora, Voltaire já dizia: “Se quereis discutir comigo, defini, primeiro, vossos termos”.

– Isso é assim quando se vai discutir o que se pode demonstrar com raciocínios, argumentos e razões – replicou Árago. – No caso dos valores, como eles não são entes de razão nem são coisas, o que vale dizer: os valores não *são* mas *valem*, não se podem demonstrar. Dos valores só podemos ter vivências e intuições. Ora, se eu não posso *demonstrar* os valores, posso-os, entretanto *mostrar*; e desde o começo estou fazendo precisamente isso. Era preciso carregar nossas mentes de intuições, de vivência dos valores, para só agora irmos saber mais a respeito deles. Portanto, meu caro Scharba, não lhe cause mocha esteja eu propondo só agora a definição do valor.

E após o mestre meditar um tanto, propôs o seguinte:

– Valor é a *não-indiferença* que sentimos frente às coisas que o mundo nos apresenta, a partir do nosso próprio corpo. Essas coisas apresentam-nos um acento peculiar que as faz melhores ou piores, boas ou más, belas ou feias, santas ou profanas; esse acento peculiar se chama *valor*.

– Sendo que valor – argumentou Antonio Varrão – baseia-se na *não-indiferença* nossa, frente às coisas, o valor fica dependente de nós, dessa nossa não-indiferença. Ora, se o valor fica na dependência da nossa sensibilidade, relaciona-se conosco, é relativo a nós, subjetivo, e não, como o senhor já nos disse, que ele seja objetivo.

– O caso dos valores, tornou o mestre, é semelhante à disputa entre os realistas e os idealistas. Os realistas, pensando só na objetividade do mundo, dizem: se eu me elimino, ficam as coisas. A isto os idealistas, com seu subjetivismo, respondem: se eu me elimino, eliminam-se, também, as coisas. A verdade está em que cada um possui meia verdade: se eu me elimino, as coisas

não se dão para mim. Assim com os valores: sem a minha sensibilidade, os valores que estão aí, não se dão para mim. Não ter sensibilidade é ser indiferente. De fato, os valores, como qualidades das coisas, estão na coisas; mas sem nossa sensibilidade não os descobrimos. De modo paralelo podemos dizer: as verdades científicas estão aí, não são subjetivas; mas sem a agudeza da inteligência elas não se descobrem. Foi preciso a genialidade de Newton para que a verdade da gravitação fosse descoberta. Do mesmo modo, os valores são objetivos, estão aí, nas coisas, como qualidades delas. Porém, assim como para a descoberta científica é preciso agudeza de inteligência, para a descoberta dos valores é necessário sensibilidade. Ora bem; se para sentir os valores precisamos de sensibilidade, sua definição é mais uma explicação, uma mostração, porque os valores não são entes de razão. Daí que ninguém demonstra a beleza da Nona Sinfonia de Beethoven, nem de uma escultura como o “Moisés” de Miguel Ângelo. Assim sendo, a palavra **definição**, para os valores, não assenta bem.

E após verificar que Varrão concordava com a exposição, prosseguiu o mestre:

– Dado que o mundo e as coisas que o constituem não nos são indiferentes, não pode haver coisa alguma frente à qual não adotemos uma atitude positiva ou negativa, uma vez que os valores são polarizados. Até mesmo o que nos parece indiferente pode ser considerado valor nulo, como é o caso de algo que perdeu o valor que tinha antes, passando, agora, a deteriorar-se. O zero da escala não é indiferença, mas ponto de passagem do valor para o contra-valor. Assim, valer é não ser indiferente.

Fez uma pausa, o mestre, e esperou que alguém apresentasse alguma objeção; como ela não veio, prosseguiu:

– Quando dizemos o que uma coisa é, quando lhe anunciamos os atributos e predicados, quando falamos do seu ser e do seu existir, estamos emitindo **juízo de existência**. Contrapondo-se ou opondo-se a este juízo, temos os **juízos de valor** que não acrescentam nem tiram nada ao ser das coisas. Dizer que uma árvore é bela ou feia, não acrescenta nem subtrai nada de ser à árvore. Uma ação nobre ou ridícula não muda o ser do homem, e sim, somente, suas qualidades.

– Os valores – prosseguiu Árago – também já foram havidos como sendo **impressões subjetivas** de agrado ou desagradado. A isto, diz Garcia Morentes: “O pecado é grato, mas mau. Nem outro é o sentido contido no conceito do «caminho íngreme da virtude». A virtude é difícil de praticar, desagradável de praticar e, não obstante, reputamo-la boa”⁵. Os valores foram considerados como **impressões subjetivas**, porque os psicólogos o confundiram com os sentimentos. Ocorre que tanto os sentimentos como os valores são polarizados, e, em razão disto veio a confusão. Como se vê, os valores são objetivos, estão fora de nós, ou plantados em nós pela cultura, podendo ter ou não a ver com agrado ou desagradado. Se o vício é grato, causa prazer, ele deveria, segundo a definição, ser considerado como valor; no entanto, o valor está na virtude desagradável e difícil de praticar, que a crença ou mentalidade produziu. Essa crença ou mentalidade está em mim e no social, e antes no social do que em mim, porque de aí a recebi desde o berço. Se o valor está fora de mim em primeira mão, então é objetivo. Quando presenciamos um ato de sacrifício de um mártir pela humanidade, ou de um herói pela pátria, acaso aquilo de valor que chamamos heroísmo é subjetivo? Acaso não aconteceu, e não se torna fato histórico objetivo? Por conseguinte, esses fatos podem ser estudados, objetivamente, e discutidos, porque, na base da discussão, está a verdade de que se trata de fatos objetivos que ficaram aí no mundo registrados e não que sejam simples impressões de agrado ou desagradado, de prazer ou desprazer que nos restam na alma após a contemplação do ocorrido.

– Eis, pois – continuou Árago – que se descobrem os valores do mesmo modo como se descobrem as verdades científicas. Eles estão aí, e, de repente são achados. Para a descoberta científica é preciso inteligência, no passo que para a descoberta dos valores é necessário sensibilidade. As verdades científicas demonstram-se, no passo que os valores mostram-se apenas. O cientista ou científico usa a inteligência, enquanto que o sensitivo artista emprega a sensibilidade; o primeiro descobre a verdade científica, e o segundo, os valores. Ora, todos nós temos um pouco de cientista e um pouco de artista.

– Como já tivemos oportunidade de referir – continuou o mestre – os valores não são **coisas** e também não são **impressões subjetivas**, porque as impressões subjetivas **são**, isto é, têm ser, e as coisas também **são**, no passo que os valores **não são**, ou seja, não têm ser; quer dizer: as impressões subjetivas têm ser, e as coisas também têm ser, enquanto que os valores não têm ser. Lotze foi o

⁵ Garcia Morentes, Fundamentos de Filosofia, 294

primeiro que, em meados do século passado, disse: “Os valores não são, mas *valem*”⁶. Por causa disto, Husserl, que segue o psicólogo Stumpf, chama os valores de *objetos não identificados*, ou seja, objetos que não têm por si substantividade. Como os valores não são coisas, como não têm por si substantividade, são *irreais*; porque não são *res*. Eles estão nas coisas, porém, não em si mesmos porque não são. Se os valores tivessem seu fundamento de validade independente das coisas, poder-se-ia demonstrar a bondade, a santidade, o heroísmo, a beleza, etc., do mesmo modo como demonstramos as propriedades do triângulo ou os teoremas matemáticos. Mas não. Os valores não se demonstram, podendo apenas ser mostrados, exibidos, chamando a atenção para eles. Disto decorre que os valores não são nem têm idealidade; eles são objetivos, embora não reais porque, como também já dissemos, não são coisas, *res*.

E após concatenar novas idéias, continuou Árago:

– Além de os valores serem estranhos ao espaço e ao tempo, porque não são coisas, são-no, também à idéia de quantidade. Uma coisa bela, um ato generoso não depende do tempo, do espaço e do número. Não podemos dizer quantas vezes um ato de heroísmo é maior que outro. Não se pode dizer que a Nona Sinfonia de Beethoven era tantas vezes mais bela antes do que agora, ou mais bela na Europa que no Brasil. Como consequência de os valores serem intemporais, eles são, também, absolutos. Um ato generoso não está sujeito a um tempo em que começou a formar-se, em que era pouco valioso antes, tornando-se mais valioso depois. A liberdade não conhece tempo nem espaço. O contrário disto faria os valores relativos ao proceder do homem. Agora, o procedimento do homem sim, esse é relativo e cria épocas históricas; a relatividade está no homem que não nos valores. Os homens podem não ter sensibilidade para intuir os valores, ou os intuir parcial ou erradamente: descobrem-se ou não se descobrem, ou se descobrem apenas em parte os valores. Dizer que os objetos caem para a Terra é já enunciar a teoria da gravitação; contudo foi preciso Newton pôr a teoria no papel, na fórmula matemática rigorosa, e, com mais rigor ainda, o fez Einstein. Em razão de o homem ser, historicamente, relativo, isso não nos autoriza a dizer que os valores também o sejam, transferindo para a esfera dos valores a relatividade humana. Os valores permanecerão intocáveis, até que os homens os intuem, os descubram, e os tragam para seu uso.

E tendo feito uma pausa para concatenar novas idéias, prosseguiu o pensador:

– O que ocorre é que há épocas em que não se tem possibilidade de descobrir certos valores que em épocas seguintes se tornam claros; há épocas até em que se tomam contra-valores por valores, e é o caso de quando se prezou a sujeira corporal a qual foi tida como indício de santidade. O desprezo do mundo desde os gregos, e, depois, os cristãos, implicou no desprezo do corpo. Daí que a filosofia atua na intuição dos valores.

Fez uma pausa o filósofo, e Varrão aproveitou a oportunidade para argumentar:

– O senhor disse que os valores são inespaciais, intemporais e não sujeitos à quantidade. Ora, sendo intemporais existem sempre, sem que haja um antes e um depois; acaso, pelo mesmo motivo, os valores não são incausais ?

– São e não são – respondeu o mestre. – A beleza, o heroísmo, um ato de piedade não podemos dizer que possa ter havido um tempo em que eles não valiam, e depois, passaram a valer; eles valem desde sempre. Agora, o heroísmo, o ato generoso, a beleza, como estão nos indivíduos e nas coisas, alteram-se, oscilam ao longo da linha da polaridade. Há um antecedente que preludia a beleza da rosa, e, depois, um consequente a faz feia; é a sua alteração química e vital. Mas a beleza em si não é causal, e, ipso facto, não é temporal. Ora, se eu digo que os valores são qualidades das coisas, fica implícito que não pode haver valor sem que haja coisas. Portanto, os valores ficam na dependência de que hajam coisas. Ficar ou estar na dependência não é ser absoluto. Não sendo absoluto, só pode ser relativo. Por outro lado, os valores abstraídos das coisas, esses são absolutos e não relativos. Confundir os valores com os entes de razão, com os conceitos, com as essências, isso não se pode fazer porque, como já o vimos, os valores não são, isto é, não têm ser, não sendo, portanto, nem reais, nem ideais, mas valentes.

– Já dissemos, atrás, que os valores são incausais, porque são qualidade das coisas. Contudo, como os valores são polarizados, eles podem percorrer a escala de polaridade. Uma rosa percorrendo essa escala, de bela que era, torna-se murcha e seca, o que significa dizer que a beleza da rosa oscilou ao longo da escala, indo para zero que é o não valor. Mas reparem que isso ocorreu com uma rosa real, e não com a intuição de beleza que temos da rosa. O ato generoso ou de

⁶ Garcia Morentes, Fundamentos de Filosofia, 296

heroísmo é móvel, fáctico, em acontecendo ou acontecido; mas a intuição de beleza desses atos independem do tempo e do espaço.

Todos concordaram com a explicação, embora a considerassem difícil. E o assunto desta noite ficou encerrado.

V – O EGOÍSMO SÁBIO

Era sábado, e o Sol já declinava, escondendo-se, em parte por detrás das serras. Árago encerrou sua leitura, e foi cuidar do jardim. Estava ainda ocupado nesse labor, quando começaram a aparecer os primeiros estudiosos da noite. Estando todos na sala da biblioteca, deu início, Árago, aos estudos do dia:

– Bom. Hoje nós vamos ver o que é o egoísmo, e como se expande ele por uma muito maior zona de domínio. Quando Cristo propôs ao mancebo rico que fosse vender tudo o que possuía, e desse tudo aos pobres, acrescentou que ele teria um tesouro no céu. O negócio parece muito claro: trocar bens perecíveis por posses perenes; quem não o faria ? Todavia, fazer isto era praticar uma ação, e esta representa a última decorrência da crença ou mentalidade. Se o moço rico fizesse o proposto por Cristo contra sua crença, o resultado seria uma grande sensação de perda. Havia ele também de arrostar com a reação social, começando pela família, porque como ninguém dá nada a ninguém, o que fizer isso é censurado, repudiado, havido como irresponsável ou louco. Para que o moço viesse a desfazer-se dos bens, segundo a proposta de Cristo, a mudança havia de fazer-se no nível da mentalidade, das idéias. Se o moço rico houvesse crido na sobrevivência da alma, e que os valores reais relacionam-se às conquistas do espírito, sem que Cristo tivesse falado nada, ele mudaria o modo de considerar os bens terrenos. Por exemplo: ele poderia sentir-se apenas um dispenseiro de bens que, na verdade, lhe foram entregues para administrar. Com esta mentalidade, havia de frutificar os bens em benefício de todos. Cristo, neste caso, não teria dito: dá tudo o que tens aos pobres, e fica pobre também, mas diria: administra os bens que o Pai te confiou, sendo tu um mordomo fiel. No entanto, vendo o egoísta fechado que o mancebo era, submeteu-o à prova máxima: a de tornar-se pobre. Suponhamos que o moço rico se considerasse um mordomo, e não, dono dos bens; neste caso, ele buscaria administrar os bens em benefício de todos; seria o *bem individual com função social*. Quem fizesse isto, estaria com o seu egoísmo dilatado. Assim, a fórmula do egoísta normal é: *bem individual com função individual*. Quando o egoísmo se dilata, a fórmula fica: *bem individual com função social*.

E feita uma pausa, prosseguiu o mestre:

– Se a crença do indivíduo for a de que a vida continua após a morte, como nós *vivemos a partir do futuro*, ele se perguntará: qual será o destino do homem egoísta fechado que cuida que os bens são seus? Não seria melhor encarar a riqueza com respeito, com apreensão, com cuidado, supondo-a prova perigosa? Neste caso, esforçar-se para que os bens tenham um uso coletivo, não é agir com sabedoria? O que há é sempre o egoísmo que pode ser sábio, ou ignorante. A oração de São Francisco de Assis é havida por uma obra de arte poética que aparece escrita a fogo em tábuas de madeira ou gravadas por todos os modos sobre diferentes materiais. Ninguém reparou, no entanto, que cada pedido vem acompanhado de uma justificação egoísta. Mas como se trata de egoísmo sábio, o santo começa por pedir ao Senhor que faça dele um instrumento não da guerra, mas da paz; não do ódio, mas do amor; onde há injustiça, o santo quer levar o perdão; onde haja dúvida, a fé; onde, mentira, a verdade; onde, trevas, a luz; onde, discórdia, a união; onde, tristeza, a alegria. Pede para mais compreender do que ser compreendido. Ora, quem compreende é sábio; quem é compreendido, menos sábio. Logo, esse é um modo apenas diferente para pedir sabedoria ao invés da ignorância. Igualmente, pede para mais amar do que ser amado. Por que? Porque quem ama sente o amado como seu, no passo que o amado, se também não ama, não sente nada. Uma pessoa

pode morrer de amores pelo seu gato ou passarinho; no entanto nem um nem outro destes animais sabe disso. Só no amante fica o gozo do amor, e não no amado; sendo assim, não é muito que o santo mais deseje amar do que ser amado. Diz mais ele que é melhor dar do que receber: “É dando que recebemos, é perdando que somos perdoados e é morrendo que renascemos para a vida eterna”. Pois claro! Quem dá possui, e quem recebe se acha em falta. E chega mesmo o santo a dizer que é dando que se recebe; donde vem que para receber o mais se dá o menos. De que é morrendo que se renasce para a vida eterna; donde se segue o destemor da morte por representar ela libertação. Estando o homem na vida efêmera, cheia de cuidados e armadilhas, quanto não é melhor para ele, se sábio, garantir-se, com a morte, com a vida eterna? E quem dá o menos, para ter o mais, acaso abre mão de alguma coisa?

– Cristo – continuou Árago – propõe a parábola do mordomo infiel, que acabou sendo posto como exemplo pelo Senhor dos bens. Como é que se interpreta aquela parábola? Pois o dono dos bens, de todos os bens, é Deus; o mordomo era o homem que tinha a riqueza em seu nome para administrá-la em proveito coletivo. Como o dono não estava perto, o mordomo começou a malbaratar os bens usando-os, exclusivamente em proveito próprio. Quando teve para si que iria ser destituído da mordomia, chamou um sujeito que também devia ao Senhor e disse: – Quanto deves ao meu Senhor? – Devo cem coros de trigo. – Pois toma a tua conta e assenta: oitenta. E a um outro: – Quanto deves ao meu Senhor? – Devo-lhe cinquenta dados de azeite. – Pois assenta em tua conta apenas trinta dados. E tudo isto para, quando se lhe fosse tirada a mordomia, ter amigos que o recebessem em suas casas. O Senhor que é Deus, que não podia deixar de ser Deus, elogiou o feito do mordomo, chamando-o de sábio. Pelo que se subentende, não foi tirada a mordomia porque a infidelidade no trato dos bens se refere aos bens que, antes de tudo, são de Deus. Onde está o rico egoísta, mas sábio que emprega seus bens para atender às necessidades alheias?, e isso com o fim de garantir a mordomia, dado que todo rico é um mordomo? O egoísmo dilatado, como se vê, é o mesmo que egoísmo sábio, e para que nosso egoísmo se expanda é necessário conquistar a sabedoria.

E ponderando, em silêncio, certo tempo, prosseguiu o mestre:

– Há pessoas de um natural bom, que se mostram afetuosas no seu círculo familiar. Mas para ser útil fora da família, para engajar-se em obra maior é preciso que esse círculo familiar restrito se alargue. Um homem ocupado numa grande causa, às vezes não tem tempo para ocupar-se nas obras filantrópicas menores. Todavia, a grande causa beneficia milhões, e é aí que o homem sábio é achado a agir. De maneira que a sabedoria é indispensável à expansão do egoísmo, pois fica claro que só a bondade natural e o amor restrito à família não basta. Todo o esforço de aprendizado, portanto, é sempre bem vindo, porque, para ajudar, é preciso saber. Cristo põe o amor como virtude suprema, no passo que Platão acha que a virtude por excelência é o saber. Minha opinião é a de que são necessárias ambas ao mesmo tempo. Só o saber, sem o amor, leva o homem a cometer o pecado de Satã de querer ser Deus. O intelecto sem espiritualidade, é luciferino. Por outro lado, o amor sem sabedoria é sempre restrito, útil para o seu portador, mas sem grande possibilidade de uso coletivo. A não ser só os grandes santos da humanidade, os demais homens bondosos, se são ignorantes, não podem fazer nada por ninguém. Como o amor é mais difícil de desenvolver que o saber, Cristo concentra sua doutrina só no amor. Platão, que exalta a sabedoria, não deixa de lado nem o amor, nem o bem. Daí que no seu *topos uranos* a forma suprema é a forma do bem que ele chama de “a forma das formas”.

VI – OS VALORES E A MORAL SÃO ABSOLUTOS

Árago esperava na sala da biblioteca a vinda do grupo de estudiosos. O comparecimento de cada um suscitava, além do cumprimento, os comentários referentes aos boatos correntes na cidade e vizinhança. Chegada a hora do início da tertúlia, principiou Árago a falar:

– Quando dissemos que os valores são hierarquizados, apresentamos uma relação deles, principiando pelos valores úteis, assim: úteis, vitais, intelectuais, estéticos, éticos e religiosos. Os valores supremos são os religiosos, e agora chegou o momento de entendermos o que significam estes valores. Certamente que todos nós temos o nosso último termo de referência não referendável; todos partimos do nosso absoluto. Todo o nível apela para um nível superior, até que chegamos ao último termo além do qual não subimos: esse é o nosso absoluto. Costumamos projetar em Deus aquilo que temos de excelente, como fez Aristóteles e seu realismo para os qual Deus se ocupa de pensar pensamentos. Se Deus e razão são uma mesma coisa, conforme pensa o realismo, não é muito que mais tarde, no século XVIII, os franceses viessem a adorar a Razão como uma deusa. Onde parar o termo de referência, seja ele onde for, esse ponto passa a ocupar o lugar de Deus. Por isso que sempre o nome Deus é substituído nas pretensas definições por outro termo. Assim é que Deus é luz; Deus é amor; Deus é a verdade; Deus é espírito; Deus é a natureza; Deus é a razão; Deus é força; Deus é energia; Deus é vida, e, chegou-se ao cúmulo de dizer que Deus é inteligência (a suprema inteligência do universo), sem se cuidar que inteligência é própria de quem busca o nexos nas ou entre as coisas. Tudo isto, afora os sistemas onde Deus não é referido em que, sempre, o último termo de apelação passa a ocupar o lugar dele. Deste modo, para Marx, Deus é o proletariado; para Sartre, Deus é a liberdade, para Fichte e Schopenhauer Deus é a vontade; para o materialista Deus é a matéria. Pelo visto quando falamos em *valores religiosos* referimo-nos aos valores da nossa religião pessoal ou social. Essa religião pessoal é a nossa crença donde tudo nasce. Daí que crença e religião são uma e mesma coisa.

E após meditar um tanto, continuou o filósofo:

– Assim como a religião ou mentalidade está em tudo o que fazemos, os valores éticos também estão presentes nas ações. Qualquer atitude que tomemos provoca nossa indagação: isto é justo? Ora, ser justo é de natureza ética. Abaixo do ético está a estética que consiste no bem fazer, no fazer com arte. Outra vez, nada do que vamos fazer pode ser feito de qualquer jeito. Pensamos numa maneira estética, agradável de apresentar o nosso feito. Tudo isto requer estudo, meditação, e eis-nos ocupados com o intelecto ou valores intelectuais. Tudo o que fizemos é para melhorar nossa vida. A vida nos impõe estarmos em luta com as coisas, sempre com um objetivo útil. O que é inútil não nos preocupa, quer dizer, não nos força mobilizar energias, esforços. É assim que os valores daquela relação hierárquica, embora possam ser considerados isoladamente, aparecem nas ações como um todo.

E depois de uma pausa, prosseguiu o mestre:

– Como vocês estão vendo, tudo fica na dependência da crença ou mentalidade de cada indivíduo. Não que os valores sejam relativos em si mesmos, mas que se relativizam ao serem intuídos pelo homem que não os pode ajuizar senão segundo a sua crença. Daqui se tira que para mudar o homem é preciso mudar-lhe a crença, e isto se faz pela apresentação de novas idéias. Se um homem é aferrado aos bens materiais, como é o caso do moço rico da parábola de Cristo, o jeito é mostrar-lhe que a vida continua após a morte, e que os bens materiais cessam com ela. Ora, como nós vivemos a partir do futuro, o moço rico deveria perguntar-se a respeito desse depois. Cristo diz ser dificultoso ao rico entrar no céu, porque, após a morte, o espírito não se desapega dos bens, tendo em vista a regra: “Onde está teu tesouro, aí estará teu coração”⁷. É, pois, de grande vantagem que o egoísmo se expanda, e que o homem ponha seu coração nos bens que não se acabam com a morte.

⁷ Mateus 6, 21

– Que bens são esses? – interrogou Maurício Scharba.

– Todos os bens espirituais como os da inteligência, da arte, isso para não falar nos maiores de todos que são os da justiça, da bondade, do amor. Todo homem deveria clarear o mais possível sua mente, sua consciência, agasalhando nela idéias sublimes e ideais superiores, a fim de que, sem esforço, seu egoísmo se passe a dilatar nesse sentido. Não há ninguém que se empenhe numa causa, que não acabe pondo nela o seu coração. Vale, então, a pena, seguir o conselho de Sêneca que recomendava: “Escolhe o melhor, e o hábito o tornará agradável”. O hábito de fumar pode servir de exemplo: o fumo é desagradável até enquanto não se instala o hábito de fumar. Assim deve ser com aquilo que temos por virtude; é preciso teimar nela, fugindo do vício correspondente. E deste modo estaremos trabalhando na nossa própria construção moral. Do mesmo modo que para aprender é preciso estudar, para adquirir qualidades morais é necessário exercitá-las. Coerente com isto, o homem sábio não despreza as experiências da vida, considerando que toda ela é sempre fértil em ensinamentos.

– O homem – continuou o filósofo – precisa ampliar sua zona de domínio. Quando uma abelha pica, ela morre, causando mais dano a si que ao inimigo. Todavia, quando ela faz isto, sacrifica-se pela colméia. O instinto coletivo de colméia é superior ao instinto de conservação individual. O egoísmo, aí, se acha dilatado indo até a colméia. Igualmente, quando o herói morre por sua pátria, e o mártir, por sua causa, um e outro tem seu egoísmo expandido para além do indivíduo e da família. Seguindo estes exemplos, nós temos de nos engajar em causas, estando nelas como se fossem obrigação, indo nós cumprir nossa incumbência como se fora um serviço. Não nos acomodemos no egoísmo fechado que nos levaria à imobilidade. Antes que o gosto por uma coisa surja, estejamos nela por esforço da vontade, como por obrigação. O problema consiste no escolher o melhor, como aconselha Sêneca. Às vezes a vida faz isto por nós. Aquilo que gostaríamos de fazer mostra-se-nos vedado. Por outro lado, abrem-se portas que não esperávamos fossem-nos franqueadas. O jeito é entrar por uma delas, realizando-nos de forma diferente da anteriormente desejada. É melhor fazer isto e ser útil, do que passar a vida lamentando-se, sem nada realizar. Todavia, o que tivermos de fazer, façamo-lo bem feito, dado que o estético acompanha os demais valores da hierarquia.

Fez uma pausa o pensador, e Varrão aproveitou-a para formular uma pergunta:

– O senhor nos apresentou uma relação hierárquica dos valores, começando pelos valores úteis e terminando pelos religiosos. Existiria, também, diferença hierárquica entre os homens que operam nesses níveis de valores? Exemplificando: um santo, como São Francisco, estaria em nível superior a Beethoven, e este superior a Einstein?

– Eu entendo que a hierarquia não está nos homens, mas nas funções. A função de São Francisco, operando com valores religiosos e morais, é superior à função de Beethoven agindo no campo estético, e este superior ao de Einstein, como campo intelectual.

– O senhor pensa – tornou Varrão – que um espírito precisa percorrer toda a hierarquia dos valores em sua evolução, sendo artista num tempo, intelectual em outro, e assim por diante?

– Eu penso que o espírito, estando num nível desses, é forçado a considerar juntamente os outros. Como já disse, quem faz alguma coisa útil, ao mesmo tempo que útil é vital, tem que ser pensada, precisa ser feita com arte, e responder à pergunta: isto é justo? é bom? Agora, um espírito intelectual por excelência, se quiser, pode dedicar-se à música por exemplo, à escultura. Não me parece que as portas, exceto a do intelecto, lhe sejam vedadas. Todavia, o prazer que tem no seu trabalho fá-lo desejar ficar nele, dado que os campos, quaisquer que eles sejam, são inesgotáveis.

Aproveitando-se de uma pausa interrogou Varrão:

– O senhor diz-nos que os valores são absolutos; mas ao mesmo tempo afirma-nos que eles são dependentes da cultura. Ora, como pode o que é dependente ser absoluto?

– Penso que já expus esse ponto. Os valores em si são absolutos; mas entrando em contato com o homem relativizam-se, ficam dependentes da cultura. Como há muitas crenças, muitos hão de ser os modos de concepção dos valores. No entanto, desde o começo já afirmei e o repito agora: tem que haver uma Verdade no universo da qual vamos nos acercando por progressivas aproximações. Cada aproximação da Verdade modifica a nossa crença, e muda nossa intuição dos valores. Nisto consiste a relatividade que corre por conta do homem. Não obstante a Verdade está lá, para ser descoberta em sua inteireza, e, com ela, os Valores que não podem deixar de ser senão absolutos.

– Nesse caso – tornou Varrão – para o senhor a moral também é absoluta?

– Moral, para mim, não é essa que vem de “*mores*” que quer dizer costumes, nem essa ética que vem de “*ethos*” que também quer dizer costumes, uma e outra com base no postulado de Aristóteles que afirma (sem o provar) que o *homem é um animal social*, pelo que, sendo-o, possui, em si, quanto necessita para sair sozinho da barbárie, e atingir o pináculo da civilização. Não essa moral, nem essa ética que dispensam Deus como hipótese desnecessária, mas *moral* que se chamou desde sempre **MANDAMENTOS DE DEUS...** É por demais evidente que a norma para os *costumes* não pode estar nos próprios *costumes*! Tem que haver uma instância superior fora deles, que os regule, que os discipline, à qual cumpre sempre recorrer...; costumes, portanto, que se inspiram numa *moral* que emana de Deus.

– A moral – prosseguiu o mestre – sempre existiu no mundo associado à religião, sendo o código de conduta (bem agir) entre os homens, ditado por Deus. Todavia, na Grécia, buscou-se outra base para a moral, e foi quando e porque a religião entrou em decadência, sobretudo pela obra dos cépticos que submeteram os artigos de fé ao crivo da razão, obra que foi secundada pelas dos sofistas que eram uns versáteis argumentadores pró e contra tudo. Ora, *sofista* quer dizer sábio, e contra estes levantaram-se os filósofos os quais, mais modestos, se davam apenas como *amigos da sabedoria*. O substituto para a religião, sobretudo para a classe culta, passou a ser, agora, então, a filosofia. O problema da moral, que fora sempre da esfera religiosa, passou-se para a filosofia.

– Então – prosseguiu o mestre – vem Aristóteles e estabelece o *postulado* que afirma: *o homem é um animal social*. Da aceitação do *postulado*, e o é, porque Aristóteles não o demonstrou, vêm todas as decorrências: sendo, *por natureza (?)*, animal social, o homem procura viver em sociedade; vivendo em sociedade, espontaneamente nascem *normas de relacionamento* que são os *códigos éticos*, os quais se reforçam ao se tornarem mais restritos nos *códigos legais*. Essas normas de relacionamento... nascidas de o homem ser, *por natureza*, animal social, são os usos e os costumes... os quais são relativos, e se mudam de acordo com as épocas, com os tempos e com os países. Ora, *costumes* em grego, é “*ethos*” de que se derivou “*ethike*” que é ética. Os romanos fizeram o mesmo: *costume*, em latim é “*mores*”; de *mores* saiu “*moralem*” que quer dizer moral.

– Pronto!; perfeito – prosseguiu Árago; – está colocado o carro adiante dos bois, perfeitamente ao gosto dos racionalistas iluministas do século XVIII ! O homem é, por natureza, um animal social? Sim, é; então, compelidos pela sua própria natureza a viver em sociedade, os homens se *acomodam entre si*; e esta acomodação são os hábitos que se tornam usos e costumes; como tais *costumes* são “*mores*” e “*ethos*”, deles saem, *moral* e *ética*. O que aconteceu então, segundo Aristóteles, nos princípios? Muito simples: os homens, por sua natureza, isto é, porque naturalmente sociáveis, reuniram-se em sociedade, e dessa reunião surgiram os comportamentos que se fizeram costumes os quais, aos poucos, se foram inscrevendo no que se convencionou chamar de *códigos éticos* e *códigos legais*. Da prática social saíram os códigos. Tal como na língua: primeiro é a prática; depois, a gramática.

Fez uma pausa o filósofo, e depois continuou:

– No entanto, se dermos razão a Lutero, para quem “Aristóteles não passa de *um asno*”⁸, ou então, a Huberto Rohden que, mais eufêmico, afirma ser Aristóteles, “na história da filosofia ocidental, o rei dos acróbatas”⁹, por uma ou por outra opinião, o certo é que o próprio Aristóteles se refuta a si mesmo ao sentenciar, na sua “Política”, que para “o homem viver isolado, ou há ele de ser um deus ou uma fera”. Como a história nos atesta, indubitavelmente, que há “*deuses*” que são os gênios, os sábios, os santos, todos *INDIVIDUALISTAS*, que ocupam o degrau superior da escala humana, assim como, no extremo oposto da escala, estão os homens-feras, ignorantes, animalizados, cruéis, malvados, cheios de instintos anti-sociais, também todos *INDIVIDUALISTAS*, então, como dizer, de modo definitivo, acabado, que o homem é um animal social?

– A humanidade, pois, prosseguiu Árago, divide-se em duas classes que são: homens-massa, gregários, sociais, que vivem “a crédito da sociedade” (Ortega), e em homens individualistas, autênticos, que são si mesmos, não o social neles, com capacidade, por isto, de realizar-se no bem ou no mal. Ora, acaso a humanidade pode viver sem os seus *líderes*? Fale Toynbee: “A tarefa do líder consiste em transformar os seus semelhantes em seus discípulos; e o único meio pelo qual a

⁸ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 109

⁹ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 115

Humanidade em massa pode ser posta em movimento, rumo a um objetivo que se encontra para além de si própria, consiste na aplicação da faculdade primitiva e universal do mimetismo”¹⁰. Esses líderes da humanidade são os gênios, os sábios, homens de mentes abrangentes, totalizantes, que possuem a intuição no grau mais excelso, acostumados a retiros fecundos em que, ficando sós consigo, se fazem acompanhar de todas as grandes vozes da cultura que lhes ecoam na consciência. Toynbee: “A alma humana possui uma disposição inata para despojar-se da sua natureza humana, no intuito de revestir-se com a natureza dos anjos e de tornar-se realmente um anjo durante um único instante, – momento que chega e passa tão depressa como um abrir e fechar de olhos. Depois disto, a alma recupera a sua natureza humana, após ter recebido, no mundo dos anjos, uma mensagem que lhe cumpre transmitir ao gênero humano ao qual pertence”¹¹. Nisto consiste o que, para Aristóteles, significa ser “*deus*”. A “*fera*” posta-se no lado oposto, na parte inferior da escala humana, na daqueles que podem ser muito inteligentes e possuir qualificações científicas, porém, aos quais falta a *sabedoria!* Para tais científicos, sem sabedoria, porém, que ousam pontificar naquilo que ignoram, não como ignorantes, mas como quem, em suas especialidades, são “sábios”; para estes que Ortega classifica de “sábios-ignorantes”, vale o que escreveu Aristóteles na sua “Política”: “O homem, quando aperfeiçoado, é o melhor dos animais; mas, isolado, é o pior de todos; pois a injustiça é mais perigosa quando armada, e o homem equipa-se ao nascer com a arma da inteligência e com qualidades de caráter que pode usar para os fins mais reprováveis. Por conseguinte, se ele não tiver virtude, será o mais daninho e feroz dos animais. E só o *freio social* pode dar-lhe virtude”¹². Pus em destaque, com acento na voz, “*freio social*”, para sublinhar que, para Aristóteles, os mesmos homens, por *obra da natureza* se reuniram em sociedade; e bastou isto para que, espontaneamente, surgissem os *códigos éticos*, os *códigos de leis*, a *moral* que tudo são “*freios sociais*”. E Deus?

Fez uma pausa o mestre, depois do que retomou a palavra:

– Quando Laplace expunha sua teoria do mundo a Napoleão, este perguntou-lhe: “E onde fica em seu sistema o lugar para o criador dos mundos?” “Sire” – respondeu Laplace – “essa hipótese tornou-se desnecessária”¹³. Tal qual, para Aristóteles, Deus e a religião são *epifenômenos*, nascidos, portanto, do social, e não, vice-versa, que a sociedade seja oriunda do *fenômeno religioso*, e haja nascido, em primeira instância, de um primado ético-legal vindo da parte de Deus, o só capaz de disciplinar os instintos anti-sociais da besta que, em parte, o homem ainda é. “Deus morreu”, dizem os modernos, e o antigo Aristóteles, também, não deixa por menos, ao afirmar que os mesmos homens, sem que para isso fosse necessário Deus, criaram seus próprios códigos éticos, sua moral.

– Como se vê – concluiu o pensado – o postulado de Aristóteles permitiu colocar-se o carro adiante dos bois, e este feito provocou a parada do carro com a conseqüente enorme confusão. Em meio a esta balbúrdia, em meio a este caos, fala-se em “nova ética” sem pecados e sem tabus. Por que? Ora, porque ética de “ethos” quer dizer costumes. Daqui se tira que haverá tantas éticas quantos são os possíveis costumes. Tudo, portanto, é permitido, e essa permissividade raia pela loucura mais rematada de homens e de um mundo que, porque insensato, de repente, vai soçobrar na barbárie.

E após uma pausa, prosseguiu:

– Como foi possível ao homem, não inventar, nem criar, mas, *descobrir* Deus? ... Do mesmo modo como ele intui e assenta um postulado, e, sobre este, edifica toda, inteira, uma ciência, como é a geometria. Escreve Ortega:

“Quero, no entanto, observar que, diante da doutrina teológica, que faz do homem uma especial criação divina, e a zoológica, que o inscreve nos limites normais da animalidade, cabe um terceiro ponto de vista que vê no homem um animal anormal. Sua anormalidade teria consistido nessa super-abundância de imagens, de fantasmagorias, que nele começou a manar e dentro dele criou um “mundo interior”. O homem seria, dessarte, – e em vários sentidos do vocábulo, – um animal fantástico”¹⁴.

E continuou o mestre:

¹⁰ Ibn Khaldun, citado por Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 521 - 522

¹¹ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, II, 414

¹² Aristóteles, Política, I, 2 – Will Durant, História da Filosofia, 104

¹³H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 88

¹⁴ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 278

– Com ser o homem um animal fantástico, que desenvolveu o cérebro-inteligência em lugar das patas, pernas ágeis, garras, chifres, farpas e dentes venenosos..., a custa de lucubrar, de especular sobre o mundo e sobre si mesmo, “criou” um “mundo interior”, composto de tudo o que é humano (religião, política, ciência, artes, etc.), estando Deus no pináculo de todas as hierarquias desse mundo interior, exatamente como se acha no tope supremo de todas as hierarquias de quaisquer outros mundos possíveis. Do pensar sobre o mundo e do pensar sobre si surgiu o “mundo interior” em que se divisou uma hierarquia de valores em cujo tope, oculto em brumas, Algo havia, e esse Algo para sempre indefinido e indefinível acabou por chamar-se Deus... que é derivação da palavra *Dia* ou *Claridade*. A primeira característica que se assinalou a respeito de Deus, foi que ele é Luz... que se contrapõe às Trevas, sendo a Luz boa, e as Trevas, más. Da plenitude da Luz... cujo resplendor pode tornar cego quem o encarar sem ter os olhos protegidos, inferiu-se a plenitude do Bem, e esta foi a segunda característica consignada a respeito de Deus... pois que sendo ele a *Luz Excelsa, Luz Plena*, por isso mesmo é o *Supremo Bem*. Diz Vieira: “As trevas são negação da luz, e as negações não têm nem podem ter bondade, porque não têm ser. (...) Porque a luz, como tem ser, e tão excelente ser, tem bondade e é boa; porém as trevas, como são negação e não têm ser, não podem ter bondade nem são boas”¹⁵. Tudo o que existe é *lucigênito*, dado que a mesma matéria era luz antes, e agora é energia metamorfoseada; e todo ser vivo é *lucífago*, pois que se nutre da luz condensada nos alimentos. Ora, se a Luz se dá a si mesma na criação de tudo, como energia que é; e depois torna a dar-se a si mesma, como nutrição de tudo quanto vive, que outro Algo haveria para ser posto como sendo o Sumo Bem? Diz Vieira que “A etimologia deste nome Deus, deriva-se do verbo dar: chama-se Deus porque dá”¹⁶. Deus dá o quê? Já o dissemos: Deus dá tudo, porque dá a luz de que *tudo se forma*, e de que *todo o vivo se sustenta*. Esta é a razão suficiente para que *Divindade* ou *Deidade* seja o mesmo que *Claridade*, porque a raiz “*dei*” do vocábulo *deidade*, é variação de “*div*” (de divindade) que, por sua vez, veio de “*di*”, do sânscrito, e significa *que brilha*¹⁷.

Fez uma pausa o pensador, e ficou por certo tempo concatenando novas idéias; depois continuou:

– Sartre, descorçoado com o problema ético, não via perspectiva nenhuma para o esforço humano de alicerçar a Moral num *Bem Absoluto*, porque, entre os homens, “não pode haver consciência infinita e perfeita para pensá-lo”. Por outro lado, nenhum homem se torna ético em conformidade com uma lei que ele mesmo, ou outros como ele, criou. O homem não pode, por si mesmo, criar a Ética, por faltar-lhe autoridade; e não pode fundá-la no *Bem Absoluto*, por ser este humanamente impensável. Assim o entende Sartre. Ora, o *Sumo Bem* não se prende à questão de ser pensado por uma consciência infinita e perfeita, que nenhum homem tem. Ele se situa na esfera da *experiência radical*, que não na do pensamento abstrato. Esta *experiência...* fê-la o primitivo fator da religião, e, porque irreduzível a termos de razão, permanece ao alcance de todos desde sempre e para sempre. Repita, pois, o homem moderno a *experiência* dos antigos: encare o Sol por um instante fugacíssimo, e aquela luz que o faz chorar, e lhe produziria escotoma e cegueira se persistisse em fitá-la por mais tempo, ainda não é a plenitude de luz, dado que o Sol é apenas uma estrela de quinta grandeza, amarela, não azul ou branca, que destas cores são as estrelas mais quentes e brilhantes. A estrela mais brilhante do céu é Sirius, de primeira grandeza, da Constelação do Grande Cão, sendo ela o olho do Cão. Se essa estrela fosse posta no lugar do Sol, seus raios queimar-nos-iam com uma luz e calor quarenta vezes mais intensos que a do nosso Astro-Rei. Os 40 e poucos graus centígrados que suportamos, multiplicados por 40 dariam 1.600 graus. Pois a 1.510 graus funde-se o ferro... Contudo, essa não é ainda a plenitude da luz. Se a própria luz solar é-nos boa só na proporção em que se acha dosada, nem mais, nem menos, por que haveríamos de pretender luz maior? Sem ser a plenitude da luz, veja-se quanto a luz do Sol cria e nutre, e esse *bem* conquanto ainda não *sumo*, já é exemplo para o sábio e santo imitarem. Eis pois, que esta experiência de encarar o Rei da Claridade, por um átimo de tempo, válido só no seu *nível empírico*, irreduzível, portanto, a racionalidade, a princípio de razão, serve de base para se intuir o Bem Sumo, porque se a Luz, como ser, é boa, e as Trevas, como não-ser, é mal, a plenitude da Luz é a plenitude do Bem, sendo as Trevas a negação absoluta do ser ou o nada.

¹⁵ Vieira, Sermões, 4, 236 – Ed. das Américas

¹⁶ Vieira, Sermões, 15, 371 – Ed. das Américas

¹⁷ J. Mesquita de Carvalho, Dicionário Prático da Língua Nacional.

– Já vimos – prosseguiu o mestre – a razão por que o Bem Absoluto ou Sumo Bem é impensável; é que ele se situa no campo do empirismo puro, sendo a experiência radical vivida pelo fautor da religião. No entanto, Sartre supõe que se houvesse homem com “consciência infinita e perfeita”, esse tal poderia pensar o Bem Absoluto. Quer dizer: o pensar de uma “consciência infinita e perfeita” seria um pensamento absoluto; e só um pensamento absoluto poderia pensar o Sumo Bem. Pois vai aqui um argumento irretorquível: nem mesmo a “consciência infinita e perfeita” seria capaz de um pensamento absoluto, porque todo o pensar é relativo, visto que fica na dependência de um ponto de partida inicial, por sua natureza impensável. O ponto de partida, inicial por excelência, é sempre uma intuição, por sua natureza, supra-razional. Por causa disto, se a base da moral, o Bem Absoluto, é impensável, por não se poder pensar o ponto de partida inicial, por igual modo, como já vimos, podemos dizer serem impensáveis as ciências todas, as matemáticas, as várias geometrias, dado que não há neste mundo mente nenhuma “infinita e perfeita” capaz de “pensar” (!) os primeiros princípios, os postulados e os axiomas. Por serem eles super-razionais ou intuitivos, não podem ser pensados. Contudo, se, sobre eles, ou a partir deles, podemos construir as ciências todas, as matemáticas e as várias geometrias, de igual modo, partindo da *intuição do Bem Absoluto*, podemos, sim, senhor Sartre, construir a *moral...* que alicerça tudo o mais, porque é base da *própria civilização...*, e sem a qual não há nem ciência, nem matemáticas, nem geometrias, quanto mais o resto. Por conseguinte, há, sim, um *fundamento* – e é o mais radical de todos – para nos afiançar que o Bem-Sumo existe, pelo que se nos faz necessário imitá-lo, sendo honesto, não mentiroso, não defraudador nem ladrão, não o que abusa do mais fraco, apresente-se este em quaisquer de seus matizes, e que pode perdoar a agressão daqueles que, num momento, se nos mostraram superiores em força, mascare-se esta como se quisesse. Ora bem: não é preciso nenhuma argúcia para entender, de pronto, que tudo isto representa a anti-animalidade, dado que todo animal é mentiroso... que nisto se cifra o mimetismo, a camuflagem, o fingir-se de morto dos coleopteros todos e do gambá; todo ele é ladrão, não só porque rouba o companheiro da mesma espécie, seja no alimento, seja na fêmea, como ainda apodera-se do tesouro nutritivo que é o corpo do outro de espécie diferente. No *código da natureza*, qual a temos desde a ponta do nariz, não existe isso de não abusar do mais fraco, antes, sua regra é a de Nietzsche: “ser justo é ser forte: a justiça é o desassombro do forte”; a isto podemos acrescentar: ser justo é ser astuto; a justiça é artimanha, derivado de *arte + manha*, no que são mestres os advogados chicaneiros. E por aí se vai, pelo que a moral se define como sendo o código da anti-animalidade, código esse que é negação, antítese, contraditória do código oposto, o código da besta. Ninguém, pois, exceto os asneirões, pode falar em “*nova moral*” de nada, porque a *moral é eterna* ou *intemporal*, dado que coexiste com Deus, o *Sumo Bem* que é o *Amor*.

Fez uma pausa o mestre, esperando que alguém o apartasse. Todos, todavia, permaneceram silentes, embevecidos em ouvir o fecundo discurso. Então, Árago prosseguiu:

– Quando a religião (consciência de Deus no homem) entra em colapso, a moral que dela emana, se desvirtua, o profundo animalesco do homem se aflora, desenfreia-se, cresce, infla-se, exterioriza-se em atos e ações anti-sociais, os bons costumes se corrompem, trocando-se por maus, e a civilização fecha o seu ciclo... podendo ir parar até na barbárie. Quando a religião vigente entra em colapso, seja pelo trabalho dos sofistas e dos cépticos, como aconteceu na Grécia; seja pelo trabalho demolidor dos pensadores, a partir dos filósofos enciclopedistas, como está ocorrendo agora..., pois se apregoa que “Deus morreu”, que a moral é puro consenso e costume, então a animalidade passa a imperar, e, com ela vem a dissolução da sociedade. Os vínculos da família, então, se rompem, como agora está acontecendo, o índice demográfico cai nas nações “desenvolvidas”, a ponto de assustar seus respectivos governos, estabelecendo-se a desconfiança entre todos os membros da sociedade, cresce o número de crimes contra a propriedade e contra pessoas, e o país ou países (como agora) caminham para o seu embrutecimento, isto é, para a barbárie.

– Os filósofos franceses do século XVIII, continuou Árago, aplicaram seus aríetes contra a metafísica, contra o psicologismo (filosofia moderna), contra o Absoluto que é Deus, deixando a moral sem sustentação, misteriosamente suspensa no ar. Vieram Darwin, Spencer, Nietzsche, Sartre, afora outros de menor relevância, e cada um, por sua vez, foi trabalhando na demolição que agora está pronta, completa, acabada. O que residuou ainda da moral é condicionamento psicológico ou inércia que ainda subsiste por certo tempo graças ao impulso inicial. Nossa Civilização Ocidental, cambaleante como está agora, precisa urgentemente duma *filosofia que, em idéia, reponha Deus no seu lugar, de onde, em idéia, foi tirado*. É preciso que sua voz se faça ouvir de novo, em meio

ao estridor das máquinas de homens enlouquecidos, em nova forma, portanto, em forma não desgastada pelo uso (“Eis que faço novas todas as coisas” – Apc 21, 5), insuflando, com isto, vida nova espiritual à sociedade humana. Sem fugir às bases do método racional, estamos vendo que a razão é meio de se chegar à Verdade, sendo esta, e não a razão, o fim. É incrível que já se tivesse suposto ser a razão o próprio Deus, a deusa Razão dos franceses do século XVIII, e o Deus aristotélico que se ocupa só de pensar sobre o pensar. No entanto, a razão não vai além de simples meio, e o meio não se pode confundir com o fim. O método racional foi descoberto pelos gregos, e eles ficaram muito admirados de que os homens do passado pudessem ter vivido muito bem, e até formado grandes impérios, sem ele, isto é, sem o uso da razão. Para os judeus, por exemplo, bastava a Lei, e tudo o que quisessem saber estava no Livro da Lei.

E tendo Árago consultado o relógio, perguntou aos presentes se queriam continuar, ou se dariam por findos os estudos da noite. Foi unânime o desejo de que se continuasse. Então, prosseguiu o mestre:

– Os gregos, como já disse, inventores do método racional, conservaram-se na crença, primeiro: de que há uma realidade por detrás das coisas; segundo: que essa realidade podia ser apreendida por meio da razão. A razão, portanto, é meio, é caminho, é ponte... estendida por sobre o abismo, e que leva do antro das trevas ou caverna de Platão, ao foco da Luz... ou Jerusalém Celeste, sendo essa Luz a Verdade ou Deus. Aqui, o nosso ponto de chegada. Fale Vieira:

“Porque Anco Márcio fez a Ponte Sublícia, da ponte e de a fazer lhe formou Roma a dignidade de pontífice, cujo nome, antes ainda de a mesma Roma ser cristã, se uniu ao Sumo Pontificado. Tanto honra este gênero de fábricas a seus autores!”¹⁸.

– Construir a ponte científico-racional – continuou Árago – que nos levaria do “antro das trevas ao foco da luz”, ou seja, que nos permitirá “atingir o apogeu da civilização”, não é, hoje, nem mais nem menos do que fazer a Grande Síntese de todo o conhecimento. Dilthei estava errado quando, segundo José Ferrater Mora, “baralhava sem descanso as filosofias e concluía, melancolicamente, que não pode haver outras senão as que foram”¹⁹. Estava errado, porque não se trata de baralhar as filosofias, a fim de ver como é possível criar mais uma, e sim, como construir a *síntese* que as impeça de permanecer em perpétuo antagonismo. A síntese é, sempre, a construção de uma nova unidade dentro da qual se harmonizam as duas partes antagônicas, que, por isto mesmo, se chamam tese e antítese. Trata-se, portanto, da abertura de um campo mental novo, de uma generalização que abarque as duas contradições numa nova unidade. A antítese é o *repto* de Toynbee, ou o que costumamos chamar hoje de desafio. Alguns exemplos para elucidar:

– O homem primitivo – prosseguiu o mestre – contava pelos dedos das mãos, e, depois, pelos dos pés também, e por isto mesmo, esses números são chamados dígitos ou naturais. As coisas eram contadas pelos dedos das mãos e dos pés, e iam até 20 que era um homem; ora, um homem era já uma nova unidade que englobava uma vintena. Dois homens era 40; um homem e uma mão, 25, etc. Todavia, quem conta, fá-lo nas duas direções, para diante e para trás; se para diante, soma, adiciona, para trás, subtrai, diminui do que se tem. As dívidas são números negativos que, somados aos haveres, os diminuem. Ao conjunto que engloba os números naturais e os números negativos, dá-se, hoje, o nome de números inteiros. Os números inteiros, portanto, são uma *síntese* ou *generalização* que abarca os dois anteriores que se negam como positivos e negativos. Mas, por que se chamam números inteiros? Porque, de repente, apareceu para o homem, uma necessidade nova, um repto, um desafio: dividir alguma coisa; havia-se de dividir os números inteiros em partes ou frações. A nova coleção numérica, o novo conjunto que abrange os números naturais, os números inteiros e os números fracionários, passou a chamar-se números racionais. Tudo ia muito bem, quando surgiu outro repto, outro desafio, outro problema: o homem descobriu números que não dão divisões exatas. Pitágoras foi o primeiro a constatar que seu teorema famoso, o do quadrado da hipotenusa ser igual à soma dos quadrados dos lados do triângulo retângulo, falha, não dá certo, quando os lados ou catetos do triângulo forem iguais entre si. Lá estava o triângulo retângulo de lados iguais a rir-se do seu teorema. Se os lados do triângulo forem iguais, poderão ser reduzidos a 1 e 1; a hipotenusa desse $1 + 1 = 2$; e qual é a raiz quadrada de 2 ou $\sqrt{2}$? Qual, a raiz de 3 ou $\sqrt{3}$? de 5 ou $\sqrt{5}$? Esses números foram chamados irracionais, porque não se submetem à razão que divide. O nome que se deu ao conjunto que engloba ou sintetiza os anteriores e mais estes irracionais, é o de

¹⁸ Vieira, Sermões, 12, 297 – Ed. das Américas

¹⁹ J. F. Mora no livro de Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 136

números reais. Reais por que? Porque a realidade do mundo contém esses números. A circunferência, o círculo estão nas coisas, na redondeza do Sol, da Terra, da Lua; está no tronco da árvore cortada em plano horizontal. Pois, dividindo a circunferência pelo seu diâmetro encontramos 3,14159..., portanto, um número irracional a que se deu o nome de PI. Mas as dificuldades não pararam, e o homem continuou criando instrumentos matemáticos novos para solucionar problemas novos. Assim veio a álgebra; assim, a geometria analítica, os cálculos superiores da matemática.

– Como vocês estão vendo – continuou o pensador – conforme as dificuldades foram surgindo, ou seja, todas as vezes que apareceu um repto ao estabelecido, uma barragem ao curso daquilo que, antes, ia indo muito bem, sempre que surgir uma antítese (Hegel), um repto (Toynbee), um desafio como costumamos dizer modernamente, tem-se de criar sempre, sem exceção, um campo mental novo, fazer uma síntese, dar uma resposta ao repto ou desafio. Esse campo mental novo, esse novo conjunto é sempre abrangente e abarca as contradições numa nova unidade que é o conjunto mais amplo. Esta regra não admite exceção, servindo para a história, para as ciências da natureza, para as matemáticas, para as ciências sociais, para a filosofia, etc. Fazer a síntese é o que se chama em Maçonaria, fechar o triângulo, serviço que faz o Orador da Loja ao concluir um assunto que lhe chega em duas proposições que se negam por contrárias – tese e antítese; cumpre-lhe a ele, pois, fazer a síntese, isto é, fechar o triângulo.

Feita uma pausa, concluiu o mestre:

– Ora bem: tivemos, até meados do século XIX, o mundo sob o signo do **CRIACIONISMO** que dominava toda a cultura, o que significa todas as religiões e todas as filosofias, exceto, a de Spencer que não concluiu no plano moral. E por que não concluiu? Porque o bumerangue atirado por Spencer, em fazendo o grande giro da nebulosa ao gênio, por fim, veio dar-lhe no nariz! Ocorre que a Natureza, lá fora, no que concerne à vida, não serve, em nada, de modelo moral para o homem. E as conclusões naturais, espontâneas que Spencer não quis tirar do seu Evolucionismo, tirou-as Nietzsche, e aconteceu o que dissemos: o bumerangue veio dar onde tinha de dar: no nariz! O criacionismo, pois, dominou todas as filosofias e todas as religiões. De meados do século XIX para cá, surgiu, agigantou-se, e cada vez mais se firma, a antítese, ou desafio, ou repto da **EVOLUÇÃO**. A guerra entre ambos contendores, entre os dois antagonistas, está acesa, e não haverá vitorioso. O problema crucial do mundo neste nosso tempo, é que o **criacionismo** não pode contra a **ciência**, e esta não consegue fundamentar a moral... sem a qual nem mesmo a ciência subsistiria. Como sem a moral tudo se acaba, inclusive a ciência e a tecnologia de que o homem moderno tanto se ufana, segue-se que salvar a moral é salvar a civilização, e para isto não há outro caminho senão o que sempre se fez, sem nenhuma exceção, que consiste em operar a síntese, isto é, abrir um campo mental novo, construir o triângulo ao fechar o terceiro lado que se opõe ao ângulo, fazer uma generalização que abarque, que contenha, na nova unidade a tese **criacionismo** e a sua antítese **evolucionismo**. Nossa civilização está caindo porque não se fez essa síntese. O beco sem saída da civilização só se abrirá com essa síntese; o não ter sido feita, desorientou os guias espirituais da humanidade: os sacerdotes perderam a fé, bandeando-se com os que pretendem salvar o mundo por meio de reformas exteriores na política e na sociedade; ou então, fazer como a avestruz da qual se diz que mete a cabeça num buraco para não ver, assim se sente perfeitamente protegida de quaisquer perigos. Quanto aos outros intelectuais, estes se debatem no mais estreito materialismo cuja última conseqüência não pode ser outra senão o caos. Faz parte do mesmo contexto caótico o libertarismo pretendido pela mulher, dado que tal libertarismo não tem nenhuma base filosófica, a não ser a de Protágoras para quem “o homem é a medida de todas as coisas”, donde vem que, para qualquer mulher saber como é certo fazer, basta consultar-se a si mesma, e o que achar que é, isso é. As libertárias acham (após consultar o seu “achadouro” que se acha nelas mesmas) que tudo é permitido segundo a tal de “nova moral sexual” (!), e quando lhes perguntamos que base tem essa “nova moral”, respondem-nos que o fundamento dela é a realidade social que está aí, à vista de todos. Assim, a regra vigente fica sendo: faça-se o que se quiser fazer, sem peias nenhuma, que isto são tabus, e o feito torna-se realidade social; depois, esta mesma realidade serve de base para se ir por diante no libertarismo cada vez mais ousado, petulante, impudente, permissível, libertino, ultrajante, desagregador...

Fez silêncio o mestre, enquanto procurava numa pasta uns recortes de jornais, depois do que exclamou:

– Aqui está! O jornal “O Estado de S. Paulo, em sua edição de 23 de outubro de 1981, trouxe uma *Nota* oriunda “Da sucursal do Rio” com o título: “*Deputado condena o nível de «enciclopédia»*”. Eis parte da referida *Nota*:

“O deputado Francisco Lomelino (PDS) protestou ontem, na Assembléia Legislativa do Rio, contra o material publicado pela Abril Cultural no segundo número da *Enciclopédia do Amor e do Sexo – Vida Íntima*, que trata do coito anal. Para o deputado, “a editora continua insistindo em devassar não é a vida íntima da família brasileira. Seria, talvez, a dos autores dessa ignomínia que se põe, mensalmente, nas bancas, para afrouxar a moral da família brasileira”.

“Há um mês, o deputado havia protestado contra o número um da publicação, sobre o coito oral, e seu discurso foi transcrito no Diário Oficial. Mas ontem o deputado Rockefeller de Lima, presidente da sessão, o vetou, alegando que as citações da revista, repetidas por Lomelino «ferem o decoro da casa»”. Mais adiante:

“O deputado continuou seu discurso afirmando que o número que está nas bancas, assim como o anterior, «descreve, com a sua petulância, o que seria o coito anal, e chega ao desplante de tratá-lo como uma coisa corriqueira, nas melhores famílias. Nas melhores famílias deles, daqueles que consideram como melhor, talvez, da editora Abril Cultural»” .

“Nas melhores famílias não, senhores da Abril Cultural – reclamou o deputado. Não podemos aceitar, à guisa de enciclopédia, à guisa de estar ministrando ensinamentos sexuais à família brasileira, publicações pornográficas dessa natureza, chocante pelas aberrações sexuais que ela estimula junto aos jovens, à já tão desamparada juventude deste País”. Etc.

– Aqui está uma amostra – continuou o mestre – de para onde descamba o mundo! O sexo, que é um meio empregado pela vida para a perpetuação da espécie, cessou de ser um meio, para tornar-se um fim em si mesmo. Como meio ele é limitado, como sói ser qualquer meio, uma estrada, por exemplo; como fim, todavia, ele se faz ilimitado; não uma estrada que leva a algum lugar, mas um campo imenso de macadame..., para se ir correr nele, sem que se objetive chegar a lugar nenhum. Tal qual o sexo, tornado um fim em si mesmo: não, o exercício normal da reprodução, como o faria qualquer animal durante o cio, mas a lascívia sub-animalesca, exacerbada com requintes da imaginação e engenho, frente à qual se embasbacam os porcos, os cães e os bodes. A pretensa “nova moral” não admite restrições nenhuma; tudo é permitido!

E depois de uma pausa, continuou o filósofo:

– Outro aspecto do mesmo contexto de falência da civilização pode ser visto no mesmo jornal, “O Estado de S. Paulo”, na edição de 10 de junho de 1979. Trata-se de uma reportagem de mais de uma página, em que a ministra francesa Françoise Giroud responde às perguntas feitas por Gilles Lapouge. Diz ela: “O que choca hoje é que a civilização ocidental não tem mais projeto”. Fala ela do “projeto religioso” que vigorou até o fim da Idade Média; depois veio o “projeto econômico” que entra em sua fase de exaustão, e já se pergunta: “por que produzir?” E prossegue: “Não creio que uma civilização possa ter por único projeto a manutenção de seu nível de vida”. E acrescenta: “Talvez nasça um projeto. Talvez ele esteja germinando em algum lugar”. No mesmo jornal, porém, do domingo seguinte, dia 17/06/79, saiu um editorial com o título em letras graúdas: “Sem projeto, não existe Ocidente”, e por que está o mundo carente de projeto? Diga-o Ortega:

“Não poderá estranhar que hoje o mundo pareça vazio de projetos, antecipações e idéias. Ninguém se preocupou de preveni-los”²⁰. “No dia em que volte a imperar na Europa uma autêntica filosofia – única coisa que pode salvá-la –, compreender-se-á que o homem é, tenha ou não vontade disso, um ser constitutivamente forçado a procurar uma instância superior”²¹.

– Pois bem – concluiu o pensador: – esse “projeto” e essa “autêntica filosofia” não estão mais por achar-se; ei-las: são a *síntese!* ... Com esta nova e “autêntica filosofia” fica restabelecida (“Eis que faço novas todas as coisas” – Apoc 21, 5), de modo inexpugnável e com vigor inexcedível, a “instância superior” da divindade reclamada por Ortega, sobre a qual se reassenta a *moral* que sempre existiu no mundo, porque eterna, e, não, temporal; absoluta, e, não, relativa. Essa grande síntese filosófica que se impõe agora, como uma necessidade de vida ou morte para a civilização, como diz Mário Sanches, “já existe e é a única que permitirá sobreviver à crise”²².

²⁰ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 99

²¹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 177

²² Mário Sanches, Apocalipse Interpretado, 189



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraíndo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)